



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CCTA - CENTRO DE COMUNICAÇÃO TURISMO E ARTES  
DEPARTAMENTO DE ARTES CÊNICAS  
CURSO DE BACHARELADO EM TEATRO

RAFAEL ANGELO ALVES DE ARAÚJO GUILHERME

**AVANT LA LÈTTE AGATHA BLU BLAM:**  
O ATOR PERFORMER NO DESVELAR-SE DRAG QUEEN

João Pessoa  
2019

RAFAEL ANGELO ALVES DE ARAÚJO GUILHERME

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CCTA - CENTRO DE COMUNICAÇÃO TURISMO E ARTES  
DEPARTAMENTO DE ARTES CÊNICAS  
CURSO DE BACHARELADO EM TEATRO

**AVANT LA LÈTTE AGATHA BLU BLAM:**  
O ATOR PERFORMER NO DESVELAR-SE DRAG QUEEN

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Departamento de Artes Cênicas da Universidade Federal da Paraíba, como requisito para obtenção do certificado de Bacharelado em Teatro.

Orientador(a): Prof<sup>o</sup> Sérgio José de Oliveira.

João Pessoa  
2019

**Catálogo na publicação**  
**Seção de Catalogação e Classificação**

G956a Guilherme, Rafael Angelo Alves de Araujo.

AVANT LA LÈTTE AGATHA BLU BLAM: O Ator Performer no  
Desvelar-se Drag Queen / Rafael Angelo Alves de Araujo  
Guilherme. - João Pessoa, 2019.

97 f. : il.

Orientação: Sérgio José de Oliveira.

Coorientação: Elias de Lima Lopes, José Everaldo  
Vasconcelos.

Monografia (Graduação) - UFPB/CCTA.

1. Ator Performer. 2. Figura Drag Queen. 3. Composição.  
I. de Oliveira, Sérgio José. II. Lopes, Elias de Lima.  
III. Vasconcelos, José Everaldo. IV. Título.

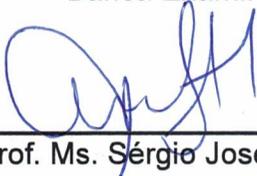
UFPB/CCTA

**RAFAEL ANGELO ALVES DE ARAÚJO GUILHERME**

**AVANT LA LÈTTE AGATHA BLU BLAM:  
O ATOR PERFORMER NO DESVELAR-SE DRAG QUEEN**

Trabalho de conclusão de curso  
apresentado ao Departamento de Artes  
Cênicas da Universidade Federal da  
Paraíba, como requisito para obtenção do  
certificado de Bacharelado em Teatro.

Banca Examinadora



---

Prof. Ms. Sérgio José de Oliveira.

(Orientador)

DAC/UFPB



---

Prof. Ms. José Everaldo Vasconcelos

(Membro da Banca)

DAC/UFPB



---

Prof. Ms. Elias de Lima Lopes

(Membro da Banca)

DAC/UFPB

João Pessoa, 08 de Setembro 2019.

## GRATIDÃO AOS SERES DE LUZ.

A melhor forma de agradecer as pessoas que contribuíram de alguma forma para que esse trabalho germinasse, intitulo de Gratidão aos seres de Luz.

Gratidão aos Deuses e aos seres da natureza, que me alimentou de luz, energia, criatividade, força e fé.

Gratidão a minha Mãe, a Rainha Maria Alves de Araújo, uma mulher mais que guerreira, onde sempre me acompanhou nesse percurso na academia e por ter respeitado e me amado do jeito que sou pela minha orientação sexual e por ser uma Drag Queen.

Gratidão aos seres de Luz, que são duas Mães que estão no plano astral agora, a minha Tia Teca, que me a felicidade nas pequenas coisas, e a minha Tia Mara, que me ensinou a crer na minha fé.

Gratidão aos seres de Luz, que são as minhas Tias, Antônia e Nita, que me acolheram e contribuíram para esse trabalho se tornar realidade.

Gratidão ao meu Orientador Prof. Ms. Sergio José de Oliveira, que desde inicio do curso senti que seria a pessoa certa pra finalizar esse ciclo de vida, onde o mesmo em suas palavras diz ser uma espécie de Pai das Artes.

Gratidão aos seres de Luz, que aceitaram enfrentar esse desafio de dialogar e expor suas impressões sobre esse trabalho, ao querido Prof. Ms. José Everaldo Vasconcelos e o Prof. Ms. Elias de Lima Lopes, os Mestres dessa Banca que é de uma gratidão sem tamanho.

Gratidão a um ser de Luz, que compartilhou seu espaço, seu dia a dia, sua amizade, sua força de mulher, a minha querida amiga e Madrinha de casamento, Endy Regis Lacet de Lucena Teixeira, onde acompanhou todo o processo dessa escrita delicada e pelas noites e noites adentro ao meu lado.

Gratidão aos seres de Luz, que são meus grandes amigos (as), Deborah Menezes, Aelson Felinto, Miguel Segundo, Lukas Gomes e Olivia Dória, que sempre estiveram presentes dando aquela força para que tudo de certo.

Gratidão aos seres de Luz, que são o meu Clã, Cleiton Teixeira, Letícia Cazé, e Luna Alexandre, que fizeram parte do processo de composição da performance. E na produção externa a querida Rainha de Copas, a Figurinista Zoelly Cynthia dos Santos, a Railson Almeida que ajudou a operação de iluminação e as fotos da Agatha Blu Blam pelo olhar do Fotografo Bruno Vinelli.

Gratidão ao ser de Luz, que me apresentou ao universo da Drag Queen e sendo minha Madre Drag Bruxa Suprema, a Vitor Blam, que além de tudo é um grande amigo e irmão que a arte me proporcionou.

Gratidão a um ser de Luz, que invadiu a minha vida, transformando da água para o vinho, de um tempero seco ao picante e amoroso, o homem que me mostrou outros olhares, caminhos, sons, paladares, culturas, uma luz tão forte, que contribuiu em todo o processo de criação dessa arte, que foi alimentado pelo AMOR. Meu amigo, companheiro, compositor, namorado e um futuro glorioso ao seu lado, o Vitor Francisco dos Santos, meu bem querer sagrado.

## Resumo

Expor os medos, as fraquezas e os desejos na busca do sagrado na arte, insiro uma relação com o meu trabalho de Ator Performer, num aprendizado que ainda estar por vir, no caminho do movimento das Drag Queen, juntar essas provocações artísticas, deixando surgir de forma graciosa e presenteado pelos Deuses do Teatro, uma história sendo desvelada no meu desvelar-se Agatha Blu Blam. No qual lanço um texto em forma de depoimentos meus, seus, nossos e cada um que pratica a arte Drag Queen, como forma de mostrar esse ritual de transformar em um espetáculo que ultrapassa barreiras. Em que a performance da Drag é uma pintura sem tela, uma escultura sem matéria, um livro sem escrita, um teatro sem enredo, mas é a união de tudo que é sagrado.

Palavras-chaves: Ator Performer / Figura Drag Queen/ Elementos cênicos / Composição / Ritual / Ciclos / Desvelar-se.

## Abstract

Exposing fears, weaknesses and desires in the pursuit of the sacred in art, I insert a relationship with my work of Actor Performer, in a learning that is yet to come, in the path of the Drag Queen movement, to join these artistic provocations, allowing them to emerge. Gracefully and presented by the Gods of the Theater, a story unfolding in my being Agatha Blu Blam. In which I write a text in the form of my statements, yours, ours and each one who practices the Drag Queen art, as a way of showing this ritual of turning into a spectacle that surpasses barriers. In which Drag's performance is a painting without canvas, a sculpture without matter, a book without writing, a theater without script, but it is the union of all that is sacred.

Keywords: Actor Performer / Drag Queen Character / Scenic Elements / Composition / Ritual / Cycles / Unveiling.

## SUMÁRIO

DESVELAR-SE.....	pg. 1 – 7
CICLO I - O Ator performer e sua relação criativa na construção da Drag Queen.....	pgs.8 – 43
I.I - O Ator Performer. De quem se fala.....	pgs. 8 - 14
I.II- Drag Queen. Definições, características cênicas e elementos da teatralidade.....	pgs.14 - 34
I.III - Performance e construção da figura da Drag Queen. Uma aproximação de Agatha Blu Blam.....	pgs. 34 – 43
CICLO II - O corpo próprio como ponto de partida para construção da Drag Queen.....	pgs. 44 –66
II.I - De que é feita a Agatha Blu Blam?.....	pgs. 44 – 61
II.II- O público como segundo espelho.....	pgs. 62 – 64
II.III- Como ela(e) modifica os espaços.....	pgs. 64 – 66
CICLO III – Diário Compartilhado na Composição da performance Avant La Lèttre - Agatha Blu Blam.....	pgs. 67 – 89
III.I- Construção Dramatúrgica.....	pgs. 67 – 70
III.II- Roteiro de Ações através da Cenografia Circular.....	pgs. 70 – 78
III.III- Música de encantamento.....	pgs.78 – 85
III.IV - Vestimentas e o leque de cores na face.....	pgs. 86 - 89
MANDALA.....	pg. 90
REFERÊNCIAS DE RAIZ.....	pg. 91
APÊNDICES.....	pg. 92 - 97

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 .....	8
Figura 2 .....	21
Figura 3 .....	23
Figura 4 .....	24
Figura 5 .....	25
Figura 6 .....	26
Figura 7 .....	27
Figura 8 .....	29
Figura 9 .....	30
Figura 10.....	31
Figura 11.....	33
Figura 12 .....	36
Figura 13 .....	38
Figura 14 .....	39
Figura 15 .....	41
Figura 16.....	42
Figura 17.....	44
Figura 18 .....	47
Figuras 19.....	49
Figuras 20.....	49
Figura 21 .....	50
Figura 22 .....	51
Figura 23 .....	52
Figura 24 .....	53
Figura 25 .....	54
Figura 26 .....	55
Figura 27 .....	56
Figura 28.....	57
Figura 29 .....	58
Figura 30 .....	60
Figura 31 .....	61
Figura 32 .....	62
Figura 33 .....	63
Figura 34 .....	65
Figura 35 .....	67
Figura 36 .....	74
Figuras 37.....	75
Figuras 38.....	75
Figuras 39.....	75
Figuras 40.....	75
Figuras 41.....	75
Figura 42 .....	76
Figura 43.....	78
Figura 44.....	79
Figura 45.....	80
Figuras 47.....	87
Figuras 48.....	87
Figuras 49.....	89

Desvelar-se

Para enraizar os vossos pés, entrar de mente aberta, de alma limpa e o coração pulsando de energia, convido a conhecer a minha trajetória para uma grande conquista, no qual está apenas começando.

Chamo-me Rafael Angelo, sou filho de Maria Alves de Araújo, meu nome foi dado pelo fato de minha família ser católica, nome de um dos Arcanjos descrito na Bíblia Sagrada. Na minha criação não existiu a figura masculina de um Pai, só apenas grandes, guerreiras e incríveis mulheres, no qual cada uma delas tem uma parcela de força no que eu sou hoje, na educação, nos costumes, na liberdade de brincar na rua sem medo de violência, onde cresci na cidade de Alagoa Grande, terra de um grande celeiro de artistas, como o Rei do Ritmo Jackson do Pandeiro e também a força e luta de Margarida Maria Alves, uma mulher que foi a voz pela luta dos direitos trabalhistas rurais. Minha Mãe é Empregada Doméstica, fez de tudo para me proporcionar uma vida consciente das nossas condições, sempre estudei em escola pública, onde lá fui me apaixonando pelo caminho dos livros de histórias, viajando nas pinturas, na maioria das vezes brincava sozinho em casa, de apresentador de programa, quem nunca fez isso? Pois é, hoje relembro essa memória e vou ressignificando para o presente momento.

A ligação que envolve o meu percurso dentro do trabalho do Ator está inserida num processo de criação mais intenso, onde existe uma entrega para o desconhecido, foi um dos pontos pelos quais, fui estimulado ao adentrar nessa pesquisa, que foi crescendo a cada revisitação com as minhas memórias, com as práticas no qual aprendi durante o decorrer do curso de graduação em Bacharelado em Teatro, na Universidade Federal da Paraíba.

Foi através da minha Mãe, por onde veio a minha fonte de inspiração, desde o presente momento ao colocar meu corpo e espírito de Ator nesse universo, se não fosse pela sua força e resistência, acho que não estaria nessas linhas, traçando uma trajetória artística que ainda tem muitas histórias para contar, cantar, revelar, surgindo possibilidades que só o tempo dirá.

A escolha desse trabalho, já estava dentro da minha essência, só que ainda não tinha se desvelado, onde partindo de um exercício de uma disciplina dentro do curso, onde fiz um personagem com vestimentas e características femininas e masculinas ao mesmo tempo, chegando a um estado de um corpo animalesco, mas para quem estava observando, era um gay com um vestido de mulher, um lápis de olho preto, um batom vermelho e com barba, no qual o professor questionou comigo: “Por qual motivo se vestir de mulher se você não é uma mulher? Cuidado que isso pode lhe deixar marcado na sua carreira, onde só sabe fazer a mesma coisa.” Esse questionado foi me alimentando durante o curso.

A primeira experiência para me montar, me transformar era mais na época do carnaval no Bloco das Virgens de Tambaú, na cidade João Pessoa – PB, até então era apenas uma forma de brincar e vestir esse personagem que a cada ano estava ganhando formas.

O momento onde dentro do curso, surgiu a oportunidade de vivenciar na cena teatral, no trabalho, uma caracterização dessa possível imagem de uma Drag, no qual fiz um personagem de um gay afeminado que fazia prostituição num cabaré, onde foi o cenário do espetáculo Palácio das Ilusões, na disciplina de montagem de conclusão de curso, como Encenador o Prof. Sérgio Oliveira, no qual foi uma adaptação do texto O Balcão de Jean Genet, que aborda a marginalização com os três poderes que a sociedade é estruturada.

Até o momento não tinha passado pela minha cabeça de que a figura que estava representando seria de uma Drag Queen, onde fui pontuado pelo meu amigo Miguel Segundo que percebeu algo que poderia ser trabalhado mais, pois visualizou um potencial artístico muito forte e presente. Diante disso, não queria explorar esse universo, por conta de preconceito e medo de partir para esse caminho, medo de sofrer preconceito no próprio meio artístico, mas que com o passar do tempo os sinais de que iria surgir algo que iria mudar muito os meus conceitos e posicionamentos no meu trabalho artístico como Ator.

Onde realmente de fato a minha primeira transformação de Drag Queen, em que tinha essa consciência desta figura, foi através da parte teatral da Quadrilha Mocidade Junina de Várzea Nova, no qual a minha função é de criador

do tema e direção do teatro, através da ajuda de uma das minhas três Mães Drag, a Lucas Lubianco um artista plástico, que deu forma no primeiro lapidar dos traços de uma Drag, a princípio uma imagem com características voltadas para comédia, representando é forma de homenagem a minha Tia Teca, uma Mulher que sempre estava sempre com a alegria expressa no seu dia a dia e acima de tudo, uma Mulher independente e que cozinhar e comia bem como ninguém. Ao chegar no local da apresentação, me deparei com estranheza a reação das pessoas ao me ver, uns com semblantes de riso, outros achando aquilo esquisito, e tantos outros querendo se comunicar e através dessas relações e afetações que a imagem da figura Drag Queen, pode proporcionar para caminhos não explorados no meu trabalho como Ator, e como foi importante sentir essa energia que é causada, dando mil possibilidades para performance da Drag.

Através desse ponto, entro no caminho do desconhecido, com olhares de curiosidade e paixão pela arte Drag Queen. Onde este trabalho foi agregando pessoas de um significado e valor acolhedor, gerando um laço que uniu todo esse trabalho, no qual tudo foi pensado milimetricamente, com seus cuidados, com o respeito pelo conhecimento que cada um compartilhou e levou para um patamar de uma pesquisa no qual está apenas começando e teremos muita estrada pela frente.

Para entender um pouco sobre a história do surgimento da figura Drag Queen, passaremos uma breve linha desse tempo, cheio de brilhos, sangues, conquistas de espaços, reconhecimento, muito close, muito carão e nunca sair do salto, pois somos Divas, Fadas, Estrelas.

Na Grécia Antiga 500 A.C, o teatro grego tomava forma e nasciam atores e personagens. Na época, somente homens podiam interpretar e com isso as personagens femininas eram vividas por homens vestidos como mulheres. Na Inglaterra de Shakespeare século XVI, os papéis femininos escritos pelo autor inglês eram interpretados em geral por adolescentes ou meninos vestidos de mulher. Acredita-se que papéis femininos mais importantes eram deixados para atores mais qualificados, mas não para mulheres.

Na Europa Séculos XVIII XIX, com mulheres cada vez mais presentes no teatro, vestir-se de mulher para interpretação passou a ser por motivos cômicos e

para sátiras. Os homens que se vestiam de mulheres passaram a integrar as peças como uma categoria diferente de atores. Maquiagem exagerada, vestimentas parodiando o estilo da alta sociedade e um humor afiado fizeram esta figura comum para o público e sucesso de crítica.

Estas “damas” do teatro, passaram a se apresentar em clubes também. Mas as duas guerras mundiais transformaram o cenário mundial e a mulher assumiu nova posição social e a posição da Drag Queen também foi revista. Aos poucos também passou a estar associada ao homem homossexual.

Nos EUA e Europa século XX, com a chegada da televisão, o teatro virou lugar do glamour, dos musicais e as “damas” perderam espaço. Elas assumiram uma postura diferente, personificando as mulheres de forma glamurosa.

Nos anos 60, a cultura pop surgiu nas grandes metrópoles e com ela uma abertura maior em relação a comunidade gay. Apesar disso, os bares gays eram relegados a áreas periféricas das cidades, mas foi neste cenário que as Drag Queens encontraram o caminho para seu retorno. Era nos clubes, que as “novas Drags” achavam espaço para se “montar” e fazer apresentações que remetiam aos ícones do cinema e da música da época.

No Oriente, em países como Japão, Indonésia e Índia, o teatro era considerado uma arte a ser passada de geração para geração e somente homens eram incentivados à prática. Os personagens femininos também ficavam a cargo deles. No tradicional Kabuki japonês, as mulheres chegaram a ser banidas durante um grande período por estarem associadas à prostituição.

Nos anos 70 e 80, as Drags viraram símbolo da luta pelos direitos LGBTQ, mas com o avanço da AIDS a comunidade foi mais uma vez relegada a espaços de nicho e as Drags voltaram para os clubes. Já nos anos 90, a parte passou a ser valorizada de novo especialmente por causa de Hollywood. “Priscilla, a rainha do deserto” ajudou a levar a arte Drag para o grande público novamente. Mais uma vez à frente da luta pelos direitos LGBTQ, as Drags ajudaram a popularizar as paradas gays ao redor do mundo.

O americano RuPaul surgiu como a Drag Queen SuperStar: pose de modelo, cantora, personalidade, apresentadora, amiga dos famosos...Em 2000,

com a cultura pop cada vez mais disseminada com ajuda da internet e a comunidade gay mais participativa e abraçada por artistas e pelas artes, a cultura Drag ganha o destaque que nunca teve. As Drags estão na TV, na música, nas festas e ganharam status de artistas pop.

Em terras Brasileiras, o cenário Drag nacional acompanhou de modo geral o internacional. Na televisão, não era estranho homens fazendo papéis de mulheres, especialmente os comédicos. Durante o período da ditadura, a comunidade gay, e conseqüentemente as Drags, perdeu espaço público. Nos anos 90, a cena renasceu e as Drags ganharam espaço em clubes e boates gays, especialmente de São Paulo. Márcia Pantera, SylvettiMontilla e outras fizeram história. Atualmente, São Paulo é o “centro” da cena Drag brasileira com festas e uma boate especializada em shows das artistas.

Desde que o mundo é mundo homens se vestem de mulher como uma forma de arte. Da Grécia antiga, quando nascia o teatro, ao Kabuki no Japão, os papéis femininos eram feitos por homens, já que mulheres eram proibidas de se apresentar no teatro. Os tempos mudaram, a arte Drag também. Drag, aliás, não é como diz a lenda uma anotação que Shakespeare costumava fazer no pé de página de seus textos para se referir a personagens femininos interpretados por homens. Drag vem do verbo em inglês “todrag”, arrastar em português. E se refere ao fato de que as longas roupas femininas arrastavam pelos palcos.

Logo, Drag virou um termo associado a homens vestidos de mulher. Quando esta arte foi aperfeiçoada pela comunidade gay no século 20, o Queen foi adicionado. Dali não saiu mais. As Drag Queens encontraram lugar na cultura pop e estrelam programas de TV, figuram nas listas das músicas mais tocadas e tem festas lotadas. Mas nem sempre foi assim, com as Drag Queens circulando tão livremente pela cultura popular.

Para descrever o processo dessa pesquisa, onde nas minhas justificativas no qual insiro, que através da performance da Drag Queen, partindo do Ator Performer pode contribuir com um olhar cênico cheio de símbolos e signos, para agregar na performance da Drag Queen. Com um objetivo desse olhar do Ator Performer, trazendo consigo suas próprias histórias como pano de fundo, para uma composição de esse desvelar-se Drag Queen na performance, buscando

caminhos desconhecidos, ocultos e colocando a essência do Ator Performer, se externando pelo seu alter ego, surgindo a figura da sua Drag Queen.

Do decorrer desse conhecimento compartilhado, em forma de depoimento, trago nas marcas da minha origem até o nascer de um florescer do que é sagrado para mim na arte que pratico. Onde inicio desvelando através dessa introdução, nos capítulos no qual intitulo de ciclos 1, 2 e 3, pois essa pesquisa é algo constante e não ganha formas fechadas e sim circulares, que agregam valores, pessoas, símbolos, signos, rituais, os ancestrais e o mais importante, o valor que o “amor” tem nesse trabalho é acima de tudo, uma semente a ser cultivada e regada.

No Ciclo I, faço uma abertura para os caminhos que o Ator Performer pode falar por si, suas estruturas e pensamentos e composição sobre a arte, como base na investigação em destaque dos livros: “O Ator-Performer e as Poéticas da Transformação de Si”, pelo autor Cassiano Sydow Quilici. Onde dialoga com olhares de novas perspectivas para o treinamento do performer e tradições pedagógicas teatrais. “Performer como Linguagem”, por Renato Cohen, que trás imagens de debates sobre a arte do performer, em vários campos, mas principalmente voltado para o Teatro. E o “Ator Compositor”, do Matteo Bonfitto que em específico das relações intratextuais, na construção de elementos da dramaturgia.

Em seguida apresento qual o tipo de Drag Queen, fui buscando uns traços para o nascer da Agatha Blu Blam, meu alter ego em forma de sagrado em suas características cênicas e a essência da sua teatralidade. E uma breve discussão do termo Queer, que envolve esse universo da arte Drag, através do olhar de Richard Miskolci no seu livro “Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças.”

No Ciclo II, revelo o processo de composição desse nascimento da Agatha, através do alter ego, pela imagem de composições por elementos da natureza e símbolos que vai ganhando formas durante cada aparição da Agatha, suas personalidades, afetações no espaço, sua relação com público. Valendo salientar que é uma figura em processo de descobertas do “Sou”.

Para fechar, no Ciclo III, darei um abertura para uma vasta pesquisa do que será a performance intitulada Avant La Lèttre Agatha Blu Blam, em forma de um diário compartilhado pelo Clã.

Ciclo I: O Ator Performer e sua relação criativa na construção da Drag Queen.

I.I O Ator Performer. De quem se fala.



**Figura 1:** Ensaio Performático Liberar a força como uma pluma.

Direção: Demetrio Nunes e Fotografia: Ingrid Diniz.

Prateado, ondulado, cacheado, perfumado.

Quero te dizer branco que seja menos sujo.

Joga tudo numa bacia de alumínio, deixa refletir.

Me cobre com os seus pensamentos, me atira ou me enterra.

Não saio de casa atoa, saio apenas com um sorriso de pedras preciosas,  
Saio de casa com um véu brilhante cintilante,  
Carrego nas costas uma tora de preconceitos,  
Depois chego no alto da ladeira e lanço como uma flecha.  
Não me jogue por essa simples atitude, de querer viver sem vocês FLSS de  
Amor.

O que é real? Representar o real da arte? Recriar o real? Ou, criar outras realidades?

Aos olhos de quem observa, como um reflexo do que nós somos como material de reverberação da nossa arte, traduz várias realidades no qual somos inseridos ou excluídos, jamais podemos criar algo, mas sim dar outros signos, símbolos, significâncias opostas ou confronta-las dentro de um campo chamado a Arte do Ator Performer.

O corpo, à voz, a energia, os espaços, o clima, a fonte de inspiração, inquietações, canções, o silêncio, palavras de outros em off, modificar os caminhos percorridos, um Ator, uma folha com anotações, rabiscos, um pincel, tintas, pigmentos, retalhos de tecidos. Elementos pelos quais compões uma cadeia de ações usadas pelo Ator Performer, nesse caso enveredando para uma performance no qual é mais constante ainda, dentro do universo Drag Queen.

O Performer é como uma arte de fronteiras, no seu contínuo movimento de ruptura com o que pode ser denominado “arte-estabelecida”, o Ator que fala com o corpo, como seu instrumento de composição desvelando-se para uma penetração por caminhos e situações antes não valorizadas como a arte. Da mesma forma, acaba tocando nos tênues limites que separam vida e arte.

Dentro dessa pesquisa estarei dialogando como é o campo do Ator Performer partindo para esse desvelar-se uma Drag Queen. Caminhos que se cruzam de uma forma que vai além do nosso campo de visão, pois a cada segundo ele restaurado e transgressor.

Na Arte, como formula Freud, caminha com base no princípio do prazer e não no princípio de realidade. O Ator Performer lida com a transgressão, desobstruindo os impedimentos e as interdições que a realidade coloca. A obra vai se caracterizando por uma outra criação. Como por exemplo, se eu vejo uma paisagem que objetivamente é verde, sob uma ótica vermelha, nada me impede de pintá-la assim. Nesse caso comparo com a composição do contexto no ato do Ator Performer se colocar em cena nos espaços, ele tem a capacidade dar outras margens e caminhos no qual o Ator de espetáculo pré-estruturado não consegue avançar, devido às limitações dos códigos que estabelecem um espetáculo de teatro.

O seu trabalho de performer é basicamente um trabalho humanista, visando libertar o homem de suas amarras condicionantes, e a arte, dos lugares comuns impostos pelo sistema. "...heróis da vontade radical", pessoas que não se submetem ao cinismo do sistema e praticam, à custa de suas vidas pessoais, levando para uma arte de transcendência.

Ao trilhar o caminho do princípio do prazer, a performance resgata as ideias de uma prática da arte pela arte. O Performer trabalha ritualmente as questões existenciais básicas utilizando, para isso, recursos que vão desde o Teatro da Crueldade até elaborados truques.

Existe uma corrente ancestral da performance que passa pelos primeiros ritos tribais, pelas celebrações dionisíacas dos Gregos e Romanos, pelo Histrionismo dos Menestréis e por inúmeros outros gêneros, calcados na interpretação extrovertida, que vão desaguar no Cabaret do século XIX e na modernidade. No século XX a arte de performance se desenvolve na sua plenitude, através das décadas, o movimento caminha sob várias formas e por diversos países.

É importante enfatizar o seu papel na arte desse Ator Performer, num papel de radicalidade como expressão, herda de seus movimentos predecessores, onde a performance é basicamente uma linguagem de experimentações, sem compromissos com a mídia, nem com uma expectativa de público e nem com uma ideologia engajada. Ideologicamente falando, existe uma identificação com o anarquismo que resgata a liberdade na criação, esta a força motriz da arte.

O Performer não se estrutura numa forma aristotélica, com começo, meio e fim, tendo uma linha narrativa, ao contrário do teatro tradicional. O apoio se dá em cima de uma colagem como estrutura e num discurso da mise en scène. Enquanto ele atua na performance, se polariza entre os papéis de Ator e a “máscara” da personagem, que neste caso não trata de um personagem, é algo além dessa estética de uma imagem chapada, que não tem formas e nem contornos para transcender os espaços.

É importante clarificar-se em noção, quando um performer está em cena, ele está compondo algo, ele está trabalhando sobre sua “máscara ritual” que é diferente de sua pessoa do dia-a-dia. Nesse ponto, não é lícito falar que o performer é que aquele que faz a si mesmo em detrimento do representar. De fato, existe uma ruptura com a representação, mas esse fazer a si mesmo poderia ser melhor conceituado por representar algo, a nível de simbolizar em cima de si mesmo. Os americanos denominam essa ação de auto representação de self as contexto.

O Ator Performer, na sua fala é aplicada pela a “repetição”, onde ela provoca como elemento constitutivo, sendo uma das maiores marcar do performer. No uso da repetição busca-se um “efeito zen”, à medida que a sua fala continuamente é repetida vai sendo criado o som de um mantra, hipnótico, que conduz a outros estados de consciência, o chamado estado, ela também traz uma emissão de mensagem subliminar, que irá ocasionar uma cognição diferente por parte do receptor. Seu contexto de fala no texto na dramaturgia da performance, são absolutamente comuns, podendo, por isto, ser fragmentos, de qualquer tipo de discurso. Isso reforça a ideia de obra aberta, com o texto funcionando com matriz de um conjunto de possibilidades.

Na performance há uma acentuação muito maior do instante presente, do momento da ação, no que acontece no tempo real. Criando características de rito, com o público não sendo mais só espectador, e sim, estando numa espécie de comunhão e para isto acontecer não é absolutamente necessário suprimir a separação palco-plateia e a participação do mesmo, como nos espetáculos dos anos 60. A relação entre o espectador e o objeto artístico se desloca então de

uma relação precipuamente estética para uma relação mítica, ritualística, onde há um menor distanciamento psicológico entre o objeto e os espectador.

O Performer tem em uma de suas características de espetáculo, de Show, diferente do teatro, esse movimento de “vai e vem” faz com o que o performer tenha que conduzir o ritual-espetáculo e “segurar” o público, sem estar ao mesmo tempo “suportado” pelas convenções do teatro ilusionista. É um confronto cara a cara com o público, às vezes acentuado pelo uso de espaços diferentes como ruas, praças e entre outros espaços, que exige muito mais “jogo de cintura” ou pelo menos um treinamento diverso do teatro ilusionista. O processo se assemelha ao de outros espetáculos como circo, cabarés e o music-hall.

A ênfase na sua atuação é geralmente o criador e intérprete de sua obra. Apesar da ênfase para atuação a performance não é um teatro de ator, pois o discurso da performance é o discurso da mise en scène, tornando o performer uma parte e nunca o todo do espetáculo, mesmo que ele esteja sozinho em cena, a iluminação, o som e etc., serão tão importantes quanto ele, poderá ser todo enquanto criador mas não enquanto atuante.

Das suas utilizações de elementos cênicos, entro no discurso da mise en scène, na arte do performer a relação entre diversos elementos cênicos, citados anteriormente, vai ter uma valorização diferente do teatro, ao contrario deste, na performance não vai haver uma hierarquização tão grande dos elementos. A cena não é necessariamente do ator, e este passa a ser um elemento a mais em sua performance, por exemplo uma cena inteira pode ser desenvolvida por um objeto.

Voltando para uma questão do texto que é utilizado na performance, em contexto de dramaturgia, onde ocorre uma eliminação de um discurso mais racional e a utilização mais elaborada de signos, fazendo com que o a performance tenha uma leitura que é antes de tudo uma leitura emocional. Muitas vezes o espectador não entende, porque a emissão é cifrada, mas sente o que está acontecendo. Sua intenção vai passar do what para o how (do que para o como). Ao se romper com o discurso narrativo, a história passa a não interessar tanto, e sim como aquilo está sendo feito. O texto sai apenas do campo narrativo, partindo pra algo mais da sonoridade que pelo seu conteúdo, utilizando-se o texto enquanto significante e não significado. Em alguns casos, o texto chega a se

transformar em paisagístico, adquirindo características de cenário, como uma cor, uma luz ou um efeito especial: ele é transmitido simultaneamente com uma série de outras coisas, compondo um todo, sem haver ao mesmo tempo, uma preocupação essencial com sua intelecção.

A performance está ontologicamente ligada a um movimento maior, uma maneira de se encarar a arte, a live art é a arte ao vivo e também a arte viva. É uma forma de se ver arte em que se procura uma aproximação direta com a vida, em que se estimula o espontâneo, o natural, em detrimento do elaborado, do ensaiado. A live art é um movimento de ruptura que visa dessacralizar a arte, tirando-a de sua função meramente estética, elitista. A rigor, antropologicamente falando, pode-se conjugar o nascimento da performance ao próprio ato do homem se fazer representar a performance é uma arte cênica, e isso se dá pela institucionalização do código cultural.

Para clarear as ideias e preencher os espaços do entendimento sobre do que esse Ator performer fala, entre numa estrutura pela qual aplico nessa pesquisa, onde nela a performance é introduzida da dança no seu processo corporal, na sua literatura com camadas de orações, canções, versos, poesias e boa parte de relatos da minha memória, no véis das artes plásticas entre no campo da composição de vestimentas, traços de pinturas sobre a pele e para compor o espaço, entre no universo de uma mandala, onde será o meu guiar no trabalho corporal, vocal e roteiro de cenas, onde sua base estão nos elementos da natureza.

A distribuição do processo de composição, ele pode ser estruturado da seguinte forma: Os colaboradores estão ao redor da mandala como suporte sensorial, para auxiliar a ativação dos apoios e ações sendo provocadas ou estimuladas no performer.

O processo de uma performance no meu contexto atual, existe uma linha de ritual que deve ser seguido, para possa gerar um fluxo de preparação, que seja a partir do momento em que chegamos ao espaço de apresentação, fazer sua limpeza, retirar as impurezas do lugar, montar a estrutura cênica performativa, preparar o corpo num processo minimalista de alongamentos e aquecimentos corporais, vocais, testar os elementos que serão utilizados durante

a performance, mesmo que seja apenas um ser que irá manipular, mas ao seu redor vai sempre existir outros anjos que iram estar para compor esse ritual.

A visão de um performer, vai além dos livros, percebo que é mais sensorial, sem uma definição engessada, está mais para um pisar no chão onde todo o corpo, mente e coração do performer está interligado como um todo, enraizando e deixando suas marcar.

## I.II Drag Queen. Definições, características cênicas e elementos da teatralidade.

Para entrarmos o universo da Drag Queen, precisamos entender seus traços diversos que gira em torno de uma arte em resistência, que a cada dia a quantidade que surgem é enorme, provando que é uma arte que está em mutação, transformação constante. Definir uma Drag é como definir uma construção arquitetônica, é um espaço de um corpo onde pode ser brincado e criado diversas figuras, mas a base e a essência são a mesma, claro que cada uma com sua particularidade.

Nesse trabalho irei chamar a Drag Queen não de personagem, pois ela não se caracteriza como um personagem fixo. Quando falamos de fixo, vem do ponto de vista cênico, onde um Ator representa um determinado personagem dentro de uma estrutura física e dramática, seja no palco italiano, intimista, no circo, no teatro de rua e entre outros.

A Arte que a Drag produz vai, além disso, mesmo não estando no palco, que ela por se só já é um acontecimento que causa impacto. Pelo seu modo de falar, com um vocabulário próprio, outra forma de caminhar, nos seus gestos exagerados, com uma imagem feminina ou sem uma definição de gênero, com um figurino fora dos padrões sociais, uma maquiagem pesada, bastante carregada de cores fortes, vibrantes, muito brilho, grandes cílios postiços, perucas de diversas formas, saltos enormes e entre outros elementos que acompõe.

É um artista onde o seu próprio corpo se transforma num espetáculo, sem a necessidade de um cenário para completar a sua aparição nos espaços, seja na rua, na escola, num hospital, nas boates, nas festas de aniversário, casamentos e entre outros espaços que a cada dia estão sendo conquistados.

Embora a Drag Queen seja basicamente um homem disfarçado de mulher que realiza um show para entreter o público, este tipo de personagem está associado a várias questões:

- O disfarce tem um componente transgressor, na verdade, as Drags atuam na maioria das festas de Carnaval (o Carnaval acontece antes da Quaresma e é um período que certos tabus desaparecerem), também no dia de finados, no período chamado Halloween na noite das Bruxas, onde é um momento que pode ser levado a transformação da Drag para uma imagem mais grotesca, bizarro, fantasias ocultas, místicas.
- Do ponto de vista da sexualidade a Drag Queen está relacionado ao fetichismo, à bissexualidade e aos desejos ocultos.
- Por trás da performance da Drag Queen, há uma série de ideais: fantasia, provocação, ambigüidade, etc.
- Este tipo de personagem nos faz lembrar que a identidade do ser humano é complexa, pois somos o que projetamos nos outros e, ao mesmo tempo, o que gostaríamos de ser.

O gostar do que se é real é mais intenso e provocativo, do que o gostar de uma fantasia que apenas te causa sensações lúdicas, de prazer, de diversão, deixando os espaços mais alegres, disfarçando as verdades reais e cruas, passando várias e várias camadas de base, cachos e mais penteados multicolores, metros e milímetros de pedrarias bordadas uma por uma, num leve e pesado tecido, para concluir essa imagem do gostar fantasia, partimos para um patamar de alturas, sejam elas finas ou grossas, mas sempre sem descer do salto, pois uma Diva jamais sai do seu posto de Majestade das noites badaladas, embriagadas de sua arte fazendo por alguns instantes seus pensamentos ruins, problemas do dia a dia, se tornar invisíveis, deixando mais leve seu corpo e uma mente aberta ou não, para o desconhecido, que a arte da Drag Queen causa nas pessoas.

Voltando para o que é o verdadeiro gostar do real, entramos para um campo de pura essência do ser humano, suas fragilidades, conflitos no que você se considera como artista, no saber do valor e a importância do que a sua arte

represente, é uma arte transformadora, que engrandece para sermos mais humanos pensantes e menos mecânicos bitolados por um padrão que o mercado exige, impõe e nos coloca em vitrines, cartazes, manequins que não respiram o verdadeiro ar, ao não sentir o calor humano do público, não existem impulsos para reagir ao contrário do que a velocidade do tempo nos provoca.

Por qual motivo inserir o seu alto ereo de uma forma clara e sem disfarce? Utilizando suas próprias palavras e defendendo-as com unhas e dentes, não para mostrar a sua força como se fosse passar por cima de todos, pois isso não é um ponto positivo no processo de evolução da Drag Queen na sua performance.

No Ator Performer, essa relação do processo de evolução da performance e na sua criação de forma colaborativa, agi num objetivo de sair dos padrões da cena, defender a sua arte como proposta de gerar questionamentos, fazer o corpo, a mente e as sensações reagirem de forma que não agride, e sim agrega mais colaboradores, onde mais para frente estarei falando abertamente esse processo, no qual agrega e acolhe pessoas, onde cada um tem seu papel fundamental no processo do desvelar-se na cena.

Como um Ator Performer que entra no universo Drag Queen, onde beberá da fonte do performer, em suas composições nas quais abrangem diversos laços com a sociedade, com as situações políticas, familiares, a situação da educação como pilar para uma ferramenta do desvelar-se artista na sua forma real, sem plágios de histórias já contadas, sem versos, sem canções, sem cores que não irão fazer nenhum sentido, para descrever o que eu sou, o que somos, o que seremos, perante uma carcaça que a cada dia somos colocados a prova de fogo, de sempre mostrar o perfeito, a perfeição do que é ser uma Drag Queen.

Traçando esse pensamento do perfeito, na busca de uma perfeição que não existe, dentro do universo da Drag que muitas das vezes é enaltecida pelo seu trabalho e a qualidade com o termo “Polidas”, uma tela onde não se pode existir imperfeições expostas, para jamais mostrar suas fragilidades e dificuldades do quanto é um investimento em longo prazo na carreira do Ator, é pesquisar, ser provocador, em se expor de tal forma que na maioria da sociedade, dá um problema de curto circuito, onde fica no desejo de querer saber qual sua

orientação sexual, ao invés de querer saber a fórmula de como acessar e entender a construção desses processos.

A Polida é basicamente colocada no status do feminino, pois é uma palavra de gênero que pode ou não confrontar como seria esse polido. De uma forma correta, aprimorada, civilizada, requintada. Termo esse que foi agregado pelos afins do universo das Drags, onde se aplicam naquelas em que, são capazes de ter uma dominação de maquiagem e vestimentas sempre impecáveis, nada de ousar em outras figuras, deixando o performer na Drag Queen em sua zona de conforto ou não, pois varia de acordo com cada composição dessas figuras de Drags. Além de ser um termo de classificar que aquele tipo é o correto e deve ser seguido, onde jamais ousar, sair da caixinha de música e partindo para outros sons, a corporeidade, sua voz como força de levantar causas, dentro da comunidade LGBTQI+.

Qual é o verdadeiro papel que a Drag Queen, tem na sociedade? Um movimento artístico de onde foi mais atrelado como símbolo com a causa das minorias, na marginalização dos guetos até ocupar os grandes palcos como forma de entretenimento e como ponto importante a ser frisada, sua voz que ecoa como forma de opressão, uma voz que grita e que chora por dentro, para que a sociedade aprenda a respeitar e compreender seu verdadeiro papel na sociedade, que é através da sua arte levar a força que brota do amor.

O termo que eu sugiro para uma definição do que é uma Drag Queen chamo de figura, um substantivo feminino, de forma exterior, com contornos externos de um corpo, uma configuração de aparências, fisionomia, a Drag é um conjunto de caracteres exteriores de uma pessoa com várias figuras, pode até chegar a se dizer que não é um ser humano, levando pra visão do divino da Diva, uma figura que é um alter ego, um outro eu, pensando nessa forma de corpo Drag, é externar o sou que vem do eu, tem como objetivo romper o padrão de arte invertendo os lados do que a sociedade nos mostra em todos os pontos, que podem ser dialogados e inseridos na arte da figura na Drag Queen.

Trabalhar com essa linguagem de que não se trata de um personagem e sim de uma figura, levo para um ponto importante e delicado na relação com os conceitos e entendimentos em que espaço se identifica a Drag Queen.

Podemos dizer que é um tipo de orientação sexual? É um tipo de gênero? É uma travesti? É um transformista? É um desejo que querer ser uma mulher cis? Várias perguntas como essas, já ouvi e me perguntaram com um ar de dúvida e medo, que um dia eu possa me tornar algo que a imposição de uma possível família “tradicional” (homem/mulher/filhos), não permiti e exclui do meio social.

Essas dúvidas e questões, já foram minhas também, no qual não tinha o conhecimento com o estudo sobre o que é ser uma Drag Queen, qual é o seu devido papel na sociedade, gera-se também a questão do medo de não ser aprovado pelos outros, a sensação de rejeição no ponto de relacionamentos, por saber de várias conversas com outras Drags, pelo fato de confundirem o trabalho artístico, pensando a outra pessoa na relação, achando que é um caminho para uma troca de gênero. Só que isso é possível acontecer? Existe possibilidade de sim e do não, primeiramente um relacionamento não pode ser um ponto de que seu trabalho artístico como Drag Queen, seja uma barreira para se relacionar com outras pessoas, já considero isso ao inverso, pelo fato de causar as provocações, afetações, dialogar com outras linguagens, estéticas, uma Drag é uma extensão de quem nós somos e queremos ser, por esse motivo a palavra figura, tem uma forma, uma potência capaz de reverberar para vários caminhos, dando possibilidades para o desconhecido, que já é conhecido e dando outros olhares e ao mesmo tempo trazendo nos espaços que ocupamos como multiplicadores dos desdobramentos que a nossa arte pode causar.

No decorrer da pesquisa, esses multiplicadores colocam na posição dentro da Teoria Queer, onde meu pensamento relacionado a minha performance como Drag Queen e dentro desse movimento que a cada segundo vai crescendo como raízes infinitas e estão se reverberando, transmitindo esse conhecimento, seja compartilhado fisicamente, visualmente, materialmente, passado de uma família Drag pra outra, onde nessa família tem a Mãe Drag que ensina os caminhos e possibilidades da figura de sua Drag, da maquiagem até as vestimentas, seu batismo pelo nome que faz relação com vários códigos e signos que tem haver com o seu ser, sua personalidade, que pode ir contra caminho de sua existência ou a favor como complemento de expansão do seu alto erego.

Na Teoria Queer discute sobre um contraponto da orientação e não orientação de gênero e sexual é um misto de diálogos no que é o termo “Queer pode ser traduzido por estranho, talvez ridículo, excêntrico, raro, extraordinário”, diz Louro (2004, p. 38). Levando por esse pensamento, caminhamos por trilhas desconhecidas, do que é oculto é o que me alimenta sobre o processo de criação da Drag Queen, no que se circula e não no que se enquadra, não iremos utilizar a forma geométrica do quadrado, pois não estou falando de um pensamento de formas, linhas e posições iguais, mas pensar no movimento dos discurso da teoria queer com a performance e a existência da Drag como um ciclo, que está sempre em constante mutação, transformação, descobertas, criação, ação política e social. Teoria essa que surgiu suas discursões no final da década de 70 para ganhar mais forma de ciclo de debates do que é Queer na década de 80, mais precisamente nos Estados Unidos.

Queer é estranho, raro, esquisito. Queer é, também, o sujeito da sexualidade desviante – homossexuais, bissexuais, transexuais, travestis, drags. É o excêntrico que não deseja ser ‘integrado’ e muito menos ‘tolerado’. Queer é um jeito de pensar e de ser que não aspira o centro nem o quer como referência; um jeito de pensar e de ser que desafia as normas regulatórias da sociedade, que assume o desconforto da ambigüidade, do ‘entre lugares’, do indecível. Queer é um corpo estranho, que incomoda, perturba, provoca e fascina (LOURO, 2004, p. 7-8)

Segundo Butler, apontada como uma das precursoras de teoria queer, o termo tem operado uma prática linguística com o propósito de degradar os sujeitos aos quais se refere. “Queer adquire todo o seu poder precisamente através da invocação reiterada que o relaciona com acusações, patologias e insultos” (Butler, 2002, p. 58). Por isso, a proposta é dar um novo significado ao termo, passando a entender queer como uma prática de vida que se coloca contra as normas socialmente aceitas. Trazendo esses termos de invocação, acusações e insultos, entramos para um campo da teatralidade e suas características cênicas na Drag a partir do seu surgimento que vai da Grécia até os tempos atuais.

Dentro desse universo das figuras que estão no movimento, temos os variados tipos de estéticas, formas, signos, símbolos e personalidades. Para entender um pouco sobre uma das figuras de Drag que reverberou no meu processo composicional, demonstro um tipo de Drag Queen na qual expandiu os meus horizontes ao perceber a potência na performance, na composição visual e no cuidado por cada construção, suas habilidades cênicas, em uma dublagem mais expressiva, num corpo que dança com uma energia do corpo que fala mais do que as palavras, atraindo a atenção do público, causando olhares de diferentes reações.

Esse tipo de figura que falo e proponho a conhecermos juntos nessa leitura, são as Drags que menos são destacadas nos ambientes valorizados pela indústria cultural massificada, no qual também são elas que em sua maioria não são consideradas como “Polidas”. São aquelas que não atendem aos estereótipos de mulheres bonitas, mas ao contrário, muitas vezes assustam. Procuram ter um conceito elaborado por trás de suas vestimentas e maquiagens. Podendo ser góticas, carecas, incomuns, monstros, desfiguração da imagem humana e entre outros, mas imensamente atraentes impressionantes e cheias de criatividade.

Para entendermos melhor esses tipos de figura Drag Queen, utilizando de uma análise das características cênica e seus elementos na composição do performer na figura de uma Drag, mais conhecida como a Andrógina, (do latim mistura de masculino e feminino) em suas composições unindo-se num só ser. Existem homens femininos e mulheres masculinas. A mulher pode sair de barba e o homem de cabelos longos.

Ser Drag Queen é querer descaracterizar-se da vestimenta e aparência por algumas horas ou o tempo todo. O jogo de brincar com as ilusões, onde o público não consegue identificar esse tipo de figura, simplesmente pelo fato de que sempre está em constante transformação, mantendo sua marca registrada de identidade artística. Clareando mais essas figuras, vamos a alguns tipos de diversas localidades pelo mundo.

Vale salientar que, as descrições das Drags a seguir é uma junção do pensamento do meu olhar como Ator Pesquisador e Performer e a descrição de cada performer, nos seus pontos de informações primordiais para essa pesquisa,

não como um objetivo de defini-las ou dizer que a minha fala é uma verdade absoluta e engessada, perante cada composição de cada uma, que dialoga com a minha proposta de Drag e no qual sinto atraído. E devido a escassez de material científico ou técnico, no qual estou propondo essa nova linha de pesquisa, onde um Ator com base nas suas experiências se relaciona com as histórias, as composições e laços que unem esse universo do Ator Performe no seu desvelar-se Drag Queen.

Tipos de Figuras Drag Queen Andrógina:

➤ UÝRA SODOMA (Emerson Munduruku).

Uýra Sodoma é uma figura que é apresentada como “uma entidade de carne de bicho e planta” cujo processo de transformação é feito através de matérias orgânicas, tornando sua figura de Drag sinérgica em relação à natureza ao seu redor, no qual usa sua atuação como ferramenta de sensibilização de populações ribeirinhas, para defesa da natureza e da sustentabilidade socioambiental.

Emerson é um biólogo, com passagens pela divulgação científica, trabalha como arte-educador de adolescentes e jovens de comunidades ribeirinhas, é descendente de indígenas, nascido na Amazônia Brasileira.



**Figura 2:** Retirado do Instagram @uyrasodoma. Intitulado de SangrAmazônia, da série “A Última Floresta” – Ensaio Terra Pelada – Fotografia e direção de Matheus Belém @mths.farias.

“A Uýra existe na cidade, me frequenta de vez em quando”, diz Emerson num ponto dessa afirmação ‘me frequenta’ é porque ele se “monstro” de Uýra em forma de “aparição”. Podemos dialogar esse pensamento do Emerson como ponto de reverberação das suas inquietações, que o seu alto erego predomina no quebrar, ultrapassar barreiras na questão de como transmitir usando ás histórias dos ribeirinhos e a floresta como inspiração, partindo desses elementos vai se compondo uma arte, que no seu processo utiliza uma técnica de uma maquiagem intuitiva, sem necessidade de conceito pra estabelecido ao se maquiar, tudo é muito feito no momento da pintura sobre o corpo, deixando sentir e experimentar o que está provocando no momento da criação, utilizando outros tipos de pigmentações e materiais não relacionados a maquiagem base da Drag Queen.

Nas imagens acima demonstram suas performances onde ela se inicia da forma de compor, complementar os espaços como uma camuflagem, fazer parte desse ambiente numa relação agressiva e poética, resgatando o papel fundamental dos protetores da natureza, que são os indígenas, com suas lendas, cantigas, cores extraídas do que a natureza oferece e do que o homem está fazendo para degradar a natureza, que também da margem as outras possibilidades de elementos.

O seu contexto na performance se apropria na investigação e provocação no espaço ao qual está inserido, onde primeiro fura essa bolha que precisa se fortalecer ao seu redor, para daí ir em partida para outros desdobramentos e caminhos desconhecidos, ter mais fortalecimento da sua arte para alcançar outros espaços que não estão habituados para suas aparições.

Um termo no qual a Uýra utilizada nas suas composições é a “ponte” que junta os lados, se propõe a ser conexão de ambos, não é cima dos muros que a sociedade impõe como mercadoria cultural, é pelo contrário um entendimento por essas diferenças, as suas subjetividades, os espaços por onde percorre o seu corpo, como ferramenta de florescer os encantamentos que a sua figura lança sobre raízes, de utilizar todos esses elementos na construção dessa figura para algo além da performance, como neste caso a defesa de um ideal, ou princípio que no caso é a defesa, proteção, conscientização sobre ás questão ambientais especificamente da Amazônia.



**Figura 3:** Retirado do Instagram @uyrasodoma. Intitulado de “Negro ácido que escorre da mata.” Fotografia de Ricardo Oliveira.

Saindo para um espaço no qual está no cotidiano das pessoas, para entrar um ser, um elemento divino capaz causa efeitos de confronto com esse cotidiano, levando a cena de forma composicional e numa poética suave e ao mesmo como um soco no estomago. A performance não precisa ameaçar: sendo lenta, pouca, gerando o imprevisível, ela pode ser manancial para deslocar membros e membranas. Um corpo do Ator Performer ele vai além dos seus limites com a capacidade de alcançar caminhos inexplorados.

➤ Sasha Velour (Alexander Sasha Hedges Steinberg)



**Figura 4:** Retirado do Instagram @sashavelour. Intitulado - “Furry, painted nocturnal creature attracted to artificial light; uses long straw for drinking nectar; drawn to musty old clothes.” Somuchfuncreatingthisimage with photographer.

Uma figura de Drag Queen onde as suas composições se misturam nos grandes clássicos das músicas na década de 20 á 30 nos Estados Unidos, nascida no Brooklyn, Nova York. Iniciou sua arte em 2009, ganhou destaque na mídia mundial como a vencedora da 9ª temporada do RuPaul's Drag Race em 2017. Steinberg tem a sua cabeça raspada, como uma de suas marcas registradas e também como forma de homenagear a sua mãe, Jane Hedges, que morreu de câncer em 2015 e havia perdido o cabelo durante o tratamento da doença.

Numa estrutura de suas performances, são caracterizados aspectos na composição de suas vestimentas, no qual a maioria delas são criadas pela mesma, com uma estética de palhetas de cores sólidas, vibrantes, remetendo a épocas na década de 20 á 30, juntamente pelas escolhas das músicas em seu show, com figuras animais, onde ganhou um apelido de ratinho, pela sua aparência e traços na composição de suas makes.



**Figura 5:** Retirado do Instagram @sashavelour. Intitulado - "I wanted to give "Ears" the beauty treatment! "Smoke&Mirrors" editorial photo by. "Smoke&Mirrors" finishes its NYC residency next Tuesday, Thursday-Sunday.

Com olhares vibrantes, trazendo um ar de mistério e romantismo sarcástico na sua dramatização com as dublagens, uma característica sutil e ao mesmo tempo agressiva nas suas ações corporais minimalistas.

Em suas interpretações de cada canção é colocado uma verdade que nos coloca num campo de diversos estados emocionais, com aspectos da sua personalidade de atrizes na época do cinema mudo e sua respectiva transição

para o cinema falado, numa corporeidade de um clowns irônico, sarcástico e ao mesmo tempo atraente, quebrando as imagens demonstrando a beleza fazendo o uso do “feio” como instrumento para tal realização, nas figuras de linguagem do seu corpo que perpassa na performance, onde além do seu corpo como ferramenta se utiliza de meios tecnológicos e truques de mágicos, no seu processo decomposição e composição no ato da cena performativa.

➤ Evah Destruction (Alexander Surian)



**Figura 6:** Retirado do Instagram @evahdestruction. Intitulado - After Halloween feelshad me wantingtopull out Freddie in honor oftheBohemianRhapsody movie release.

Seu nome é uma brincadeira com as palavras “Eve of Destruction”, e foi dada a ela por um amigo. Ela estava se preparando para sua primeira apresentação, e sua amiga jogou o nome “Eva Destruction para ela, onde acabou mantendo acrescentando um “h” no final de “Eva”. Alexander nasceu em Dallas,

Texas. Pela primeira vez está participando de um programa voltado para um tipo de figura Drag específico no The Boulet Brothers Dragula no ano de 2019, na 3ª temporada.

Sua concepção de figura Drag é como base de um animal que sempre se modifica de acordo com a proposta do momento da performance, mas suas características estão sempre marcadas através da sua energia na cena. Alexander se intitula de “Chameleon Horror Clown” (Camaleão Horror Palhaço), onde seu corpo fala antes de iniciar suas performances, tendo como uma de suas marcas a opção de não depilar os peitos, onde tanto numa imagem feminina destorcida e uma imagem masculina sensualizada e também destorcida. A estética do seu Camaleão é nunca ficar no mesmo padrão, no qual o mercado cultural exige, mas essa história está mudando dentro do nosso contexto atual, ainda permanecendo com um preconceito dentro do próprio movimento das Drag Queens.



**Figura 7:** Retirado do Instagram @evahdestruction. Intitulado - That's all folks!! Shbutthere more to come.Thank you toeveryone for tuning in tonighttowatch me on America'sGotTalent! It wasaninterestingexperiencebutone I wouldn't trade for the world!Photoby @francography.

O Horror vem do seu desejo de trabalhar tanto nas composições da performance, como na sua construção da personalidade provocativa nas imagens de um palhaço voltado para a loucura, o grotesco, tornar sua figura da Drag no seu lado mais sombrio e bizarro, hipnotizando seu público, deixando-os presos a uma corrente onde a ação do performer causa reações.

O Palhaço vem de um desejo de externar os medos e coloca-los em jogo para a cena, levando para o campo do medo de palhaço que muitas pessoas tem, o que mais perturba nos palhaços é sua imprevisibilidade. Ele utiliza do imprevisível onde nas suas ações da performance em que não deixa claro qual é a próxima ação que irá fazer, isso coloca as pessoas saírem da zona de conforto e causando o famoso truque de tirar a última carta na manga.

A intuição humana sente que pode ter uma ameaça ali. O que é mais imprevisível do que maquiagem branca, peruca e um bocão? Para completar o cenário, a maquiagem e a fantasia te impedem de ler as intenções e os sentimentos reais do palhaço. Pensando nesse ponto de impedir de ler antes das ações que o performer irá propor é justamente fazer um esquema de uma estrutura cênica da performance pré-estabelecida e no momento da apresentação em diversos espaços, saber lhe dar e como irá ser distribuído esse esqueleto para a cena.

Levando para o campo do não esperado, a surpresa da última carta que tem debaixo da manga. Uma das características da figura Drag é o aumento dos seus olhares sempre arqueados, para se ter uma amplitude do espaço e de quem as observa de longe, dar uma ilusão de ótica na técnica de sua maquiagem.

Nas suas composições, ao observar na performance, existe uma história que é por de trás da vestimenta de uma determinada temática e fazendo três tipos de leituras, onde a primeira parte da introdução sonora pela música, a segunda trás a visão da figura Drag com todos elementos da vestimenta, e a terceira a composição do corpo Drag, como ela se apresenta e domina o espaço, para gerar contrapontos e questões sobre o conteúdo de toda a performance.

➤ Victoria Elizabeth Black (Demetrio)



**Figura 8:** Retirado do Instagram @victoriaelizabethblack. Intitulado - Gettingready for @rupaulsdragcongot me feeling like...Come see me atbooth 1125 on Sunday May the 13th at 12pm for meetandgreet with all you creeps! Also May 12th is @dragulaworldand I willhave all mymerchincludinbeautiful new 8 by 10 prints ,#slutdragula tattoos aswell as all my T-shirt's !!! Also come see the @bouletbrothersdragulaempire in its entirety with a horrificstage show andcelebrationofDrag, Horror, Filth, and Glamour.

Demetrio é natural de Orlando na cidade Sarasota onde criou sua figura Drag a Victoria Elizabeth Black, uma Drag monstro, no qual sua característica cênica vai para a completa imagem do terror com um ar dos grandes clássicos dos filmes de terror, onde suas vestimentas e modificação da forma do seu corpo é tudo o mesmo que faz. Participou do programa The Boulet BrothersDragula na 2ª temporada, onde se destacou com a suas habilidades em composição das maquiagens de transformar não só o rosto, mas o corpo inteiro, trazendo para sua figura Drag às técnicas do cinema com efeitos especiais, acabou indo para a final do concurso e ficou em 2º lugar.

Suas performances busca uma ideia do mais realista possível no aspecto do terror, podemos comparar com traços do Teatro do Absurdo como algumas características num sentido tragicômico, com quadros não necessariamente conectados, alternância entre elementos cômicos e imagens horríveis ou trágicas, personagens presas a situações sem solução, forçadas a executar ações repetitivas ou sem sentido.



**Figura 9:** Retirado do Instagram @victoriaelizabethblack. Intitulado - Day 3 of @rupaulsdragcon 2018Sporting mywinning look fromthe @bouletbrothersdragula Photobythestunning @aaronjayyoung.

Na maioria das Drags tem uma referencia de uma mulher, uma artista, um personagem que marcou a infância, com base em suas performances a Victoria remete a uma Governanta de uma casa mal assombrada, uma Condessa Europeia com seus traços de sensualidade e ironias no seu expressar na dramaturgia pré-estabelecida num roteiro cinematográfico, na

maioria das vezes fazendo o menos na cena para se tornar e ser visível nos vídeos o mais intenso, preciso e sentido com o objetivo sem ser premeditado atrair a atenção do público com deleito de embriagar pela sua arte, de se transformar em uma Vampira, até um corpo não humano, causar o desconforto para quem presencia suas composições, desvelando-se além de uma Drag, mas como uma provocadora de inquietações como um todo.

➤ Sarita Themonia(Gabriel Luz)



**Figura 10:** Retirado do Instagram @saritathemonia. Intitulado – Transtorno bafo pelo olhar de @juliabebalbino quando mandei um sound no Africalimente-se, evento de culinária vegana com referência ancestral africana feito pela @dhuzati - Coletiva Antiespecistas de Culinária Ancestral. Recife 2017.

Um Artista da periferia, do chão de pedras desfilando no seu salto afeminado, com suas iniciais funções de feirante, manicure, cabeleireira, ator e Drag onde

surgiu no carnaval de vigia em 2011, em seguida se transformou em personagem no teatro de rua, depois dentro de um espaço físico de teatro, foi batizada como Sarita diGzuis por um amigo de cena, com isso foi um pulo no riacho das artes do movimento Drag em Belém do Pará, que a Sarita Themonia nasceu através do corpo do Gabriel Luz.

Seu primeiro contato com as Drags locais, foi numa boate em Belém no qual Gabriel intitula de “umas pessoas estranhas e tortas”, da Noite Suja, uma festa que acontece frequentemente na periferia de Belém, além de ser um evento é um coletivo de encontros de DragsDemônias. São corpos estranhos, uma arte que não é valorizada, então se uniu para ocupar espaços que muitas vezes são negados, como artistas e cidadãos. Estando nesse caminho, existindo e reexistindo e querendo ser vistas.

Sarita se transformou numa figura Drag, com características revolucionárias, anarquizada, desgovernada, desbocada, mas ainda permanecendo humanizada, num leve desface de gente, ironizando seus padrões da normatividade loira, branca e hegemônica. Onde começou nas suas composições na performance externando suas necessidades, materializa-las em desejos. Sendo uma gay preta, amazônica indígena, ocultista, LGBTQI+, se considera uma entidade inteiramente demonizada, na sua origem ancestral.

Suas performances têm um cunho provocativo, extremamente político, fazendo alertas e discursões sobre a reutilização de materiais, que depois de usados acabam indo parar na boca do lixo, com isso ela transforma esse lixo numa arte transgressora capaz de gerar outras configurações do que pode ser uma Drag que ultrapassa mil barreiras, desafiando seu corpo como base para compor essas figuras que a cada apresentação, aparição se torna mais que uma Drag e sim como uma obra de arte que vai além do fazer o belo simples, mas um belo que nos incomoda, pois ela traz uma verdade muito crua e nua, cheia de questionamentos para oferecer.



**Figura 11:** Retirado do Instagram @saritathemonia. Intitulado – Salve DnªMulamboesquina, desvio, curva, encruzilhada, MORADAContém-ner, Vitor, Trans, bordando dejetos de humanidades tóxicas!

“Ironizando os costumes, começo a ironizar o próprio corpo humano...” Isso se chama sair da zona de conforto e gerar mil desconfortos, testando diversas situações de vulnerabilidade, “... em diarreia humana... Afinal não interessa se você não consegue se mexer ou respirar, o importante é que o plástico da brilho e conserva!” Levando o trabalho de composição no corpo do performer para cogitar situações de renovação da arte periférica, ela utiliza dessa proposta de suas figuras a cada dia mais fora das caixinhas de leite, para desvelar-se a imagem real e plástireciclavelmente mais humanas que a sociedade se chama no direito de dizer que isso não é arte, é uma pessoa louca que não tem o que fazer.

A Sarita Themonia de todas que cito nesse trabalho, ela é a que mais me chamou a atenção, pelo fato de ser a única que conhece pessoalmente, no XXII

ENEARTE PARÁ 2018, em uma das noites das culturais, com uma vestimenta coberta de latinhas de cerveja dos pés a cabeça, camadas e camadas de metais indústrias, depois de consumidas elas viram outro corpo em seu corpo, performando canções brasileiras e colocando sua voz como arma de empoderamento.

Ao ver sua figura percorrendo no espaço é praticamente como se fosse uma escola de samba, toda em cima de latão de lixo e a bateria com todos os seus instrumentos, saindo de sua boca veroz, militante e agredindo nos pensamentos sobre tudo que não é belo ao nosso olhar limitado, partindo para um campo inexplorado, tirando uma imagem da decomposição do corpo com a matéria prima de sua arte, o próprio lixo se reinventa no seu corpo como uma instalação composta de vários argumentos e recriando outro tipo de Drag que ela nem soma, nem divide, nem multiplica e muito menos subtrair, ela simplesmente trás o resultado de igualdade da matéria para o corpo que fala demoniacamente.

I.III: Performance e construção da figura da Drag Queen. Uma aproximação de Agatha Blu Blam.

Partindo do pressuposto que para criar um personagem, um corpo, uma voz, uma persona, sempre tem alguns exemplos a seguir como pontos de partida, uma fonte de inspiração. No universo do movimento Drag Queen também é da mesma forma, muitas usam referencias de outras Drags, podendo ser sua Mãe Drag ou um artista, personagem e entre outras referências.

No meu caso, existem várias referencias e posicionamentos de como nomear essas influencias que carrego no meu ser artístico, no corpo presente por entre os espaços, nas ações propositadas ao estar em energia como um todo em cena, que no nosso caso, a cena acontece no presente momento e imediato, não existe cortinas e nem coxias para se camuflar do nosso corpo matéria, como manipuladores de sensações, questionamentos, reverberações do que desejamos revelar e desvelar-se como artistas que compõe e decompõe as raízes que deixamos crescer a cada momento que nos colocamos a jogo, é descobrindo na

Drag outras possibilidades de existir, nos lançando no desconhecido a cada dia, que fazemos nossas aparições.

Foi através de um maiô da mulher maravilha, que conheci um artista, que ilustra o clipe, no qual faz um trabalho quebrando as barreiras dentro de vários contextos, onde o existir e o sentir o intuitivo, leva para caminhos inexplorados.

Pedaços de espelhos sem uma forma geométrica estabelecida são aplicados numa face branca áspera, sendo entrelaçadas com a letra da música, onde pequenos conjuntos de palavras, ficaram fixas na minha mente, “corpo espetáculo”, “autoestima delirante”, associando só agora nessa escrita, compreendi que tudo tem uma ligação forte com o artista que interpreta e sente as provocações que a música reverbera na cena, no qual uma Drag como já havia falado antes, que sua figura já é um espetáculo por si só, sem a necessidade de outros elementos cênicos para compor a performance, levando esse pensamento para o lado poético da arte que alcança seu estado e o caminho para o sagrado da arte, como o mesmo artista diz, “são lugares criados, lugares de devir, são estes que não existem” na voz da figura Drag Alma Negrot.

Na questão da sua autoestima que delira, são os reflexos do quanto é potente e fortalecedor é ser uma Drag Queen, é poder proporcionar coisas que você não faria se não estivesse montanda. E o porque de isso ser algo delirante? Simplesmente pelo fato de colocar seu corpo para experimentar, criando outras imagens de quem é você, passar pelas ruas e muitas das vezes, não lhe reconhecerem, causar os estranhamentos e rejeições, expor sua figura como se fosse uma Deusa, uma imagem pincelada e esculpida para mostra os olhares que existem por dentro de nós, são olhoscapazes de penetrar nossa alma, gerando milhares de códigos, signos e trilhas nos quais podemos encontrar o quanto é delirante pensar que isso é duas almas em um só corpo, é a junção do corpo, mente e coração do Ator Performer para com os corpos, ás mentes e o coração da sua Drag. É nesse ápice em que elevamos o seu sagrado e colocar num status de uma compreensão poética da vida.



**Figura 12:** Retirado da Internet. Intitulado - O Maiô da Mulher Maravilha" – Noporn, com Argumento, direção de arte e performance Alma Negrot. 5 de out de 2016.

A criação da Alma Negrot, pelo artista Raphael Jacques, é de uma vida toda, quando criança, foi criado pela vó, onde moravam num sítio e gostava de brincar no porão, vestindo as roupas antigas davó e das Tias, passava a maior parte do tempo brincando sozinho. Na sua adolescência saiu de casa devido motivos de preconceito pela família, já dê de cedo trabalhava com as suas pinturas, ainda não tinha florescido a Alma, chegou a trabalhar no Circo, aprendendo técnicas circenses e passando a explorar mais o campo da pintura sendo transpassada da tela chapada em branco, para uma tela viva com peles, traços e histórias que estão sendo contadas a cada pincelada, a cada gota de cor é como se ás cores se transformassem numa segunda pele, para por fim gerar uma composição do performer.

Raphael se considera um "Não binário", entre não se identificar nem com homem nem como mulher. Um jeito de sentir-se, de desejo. As suas dúvidas lhe provocam tesão. Tem a necessidade de sentir a materialidade das coisas, sentir como uma Rainha com sacos de lixo, no seu ponto de vista, são esses os lugares mais potentes de serem acessados e de serem transformados.

Mudando o valor das coisas, despertar, causar atritos entre o padrão estabelecido da imagem de um rosto que a sociedade do mercado cultural impõe, para outras imagens que levamos para o campo da intuição, externando seus desejos e querer, transformando a face como uma tela em branco.

Em sua experimentação nessas palhetas de cores e não cores, o mesmo prática e compartilhar o conhecimento teórico prático na maquiagem intuitiva. É uma maquiagem que vem de dentro pra fora, uma maquiagem que disfarça, que revela, compartilhando os processos de criação, dando uma oficina em São Paulo que frequentemente acontece, para um ponto de possibilitar a descoberta do fazer artístico manufaturado e performático voltado para o corpo através da maquiagem. Dialogando com universos distintos como 'drag' e pintura intuitiva, o objetivo não é profissionalizar o fazer artístico a partir de técnicas e sim expandir os significados do corpo com a experimentação.

“É uma expressão, uma manifestação artística, uma mistura de muitas coisas que imagino gosto, queria ser...” diz Alma Negrot. Revelando o seu sentir e o pensar, numa única função e corpo, trazendo, externalizando para uma prática gerada pelas afetações do cotidiano, fatos que reverberam durante o processo de composição, acabam se integrando, fazendo uma colcha de infinitos retalhos a partir da performance, da pintura, onde poderia estar pintando um quadro, mas pinta a se mesmo.

A poética que envolve a Alma Negrot, é um corpo manufaturado, sobre a desconstrução do rosto das estéticas já conhecidas, já pré estabelecidas, do que é feio ou bonito, feminino ou masculino, é uma mistura de coisas, de tensionamentos, que são as coisas que atingem de forma lúdica, isso é visível na sua performance, na maquiagem, nodançar, no eco da sua voz. “A performance nos permiti ser o que a gente quer ser, existências monstras.”



**Figura 13:** Retirado do Instagram @almanegrot. Intitulado - Envolta em tempestade, entre os dentes segura o Apocalipse. Foto @tataguarino.

A janela de uma tela em branco pode nos revelar mil composições e ao mesmo tempo o nada do vazio desse branco, sensações essas no qual sinto provocado pelo trabalho da Alma Negrot, que por mais que ainda não estive presente para assistir seus trabalhos, mas de outra forma fui penetrado pela sua arte, onde me senti no desejo de não seguir a mesma imagem dela, mas de sentir-se identificado artisticamente no seu contexto e pensamentos que geram o florescer do que é a essência do sagrado na sua arte, podendo defender e perpassar como um processo de rituais nessa composição da figura Drag, dando intenção, ações que são transmitidas pelo visual e a energia corporal, através do olhar como a porta para a alma.

Cada elemento composicional de suas criações, sempre tem um significado através de códigos, símbolos, signos, figuras que nos mostram desvelar-se de uma alma, ela não tem sexo, não tem endereço, ela apenas surgiu, mostra sua figura, abrindo caminhos para o oculto, tocar nos desejos mais ocultos e externa-los como se fosse um balão cheio de água, quando vem algo ponte agudo e estoura, se espalhando transformando o espaço do cotidiano num caos, que esse caos absorve o espaço.

Ela pode ser uma bruxa, uma fada, um ser extraterrestre, uma planta trepadeira, uma árvore cheia de raízes, uma prostituta panque, uma gueixa, mas tudo isso é fruto de uma mesma essência da sua alma que é Negrot.



**Figura 14:** Retirado do Instagram @almanegrot. Intitulado - Jardim de inverno. Foto @carlosgales

Me cubro em múltiplos edredons de proteção materna  
Rego camadas de acolhimento dela mãe terra  
Canalizo meu Chakra plexo solar com o cardíaco  
e elevo para o coronário  
Por entre corpos envergados do sentir e fazer solo  
Solamente uma vez eterna e astral  
Deixando as pontas dos dedos se moverem em câmera lenta  
Ao respirar me deleito do prazer e desprazer do estar vivo e morto  
Prefiro a morte do que o viver, ele nos leva ao infinito e além.  
Traço um risco no papel das minhas pálpebras  
Tornando uma assinatura do que é o SOU  
Por fim continuado carrego na alma de um NEGROT  
O deleitar de um leite colorido, fresco e saudável  
Para não embranquecer a minha ALMA.

Autor:Rafael Angelo.

Um das influências da Alma Negrot tem haver também com o Butoh, acha que dança Butoh enquanto se maqueia. O que é o Butoh? O Butoh é o resultado, não artístico, uma filosofia, da confluência de duas culturas completamente opostas e nitidamente anacrônicas: a ocidental, que vinha sendo consubstanciado pelos idos da modernidade de uma ideologia americana dos anos 50, e pela oriental, extremamente embasada em séculos e séculos da mais pura tradição milenar japonesa. Quando se fala dos opostos, é no que os opostos se atraem e ao mesmo tempo se repelem.

Mas como seria esse maquiagem dançando o Butoh? Toda sua arte que fica grafada nas páginas da história, o Butoh expressa o que é universal, expressa o que é o ser humano com a sua torpe verdade. Então levando para o ponto da maquiagem intuitiva, aplicar o sentir em cada camada de tinta, pedaços de outros objetos frágeis colocados de uma forma fragilmente sutil e dançando sobre o vento, enraizando na terra sólida, embranquecendo a tela, para receber as sobrepeles. Suas máscaras sociais são arrancadas e a verdade de cada um é brutalmente desvendada causando, conseqüentemente, uma espécie de alvoroço

interior que nos obriga a sair de nossas estabilidades e conformações em busca do nosso verdadeiro eu. Assim, pretende-se o Butoh não como uma simples dança, mas como uma filosofia.



**Figura 15:** Retirado do Instagram @almanegrot. Intitulado - Batimentos cardíacos ecoam na escuridão como cantiga enfeitiçada. Eu danço de angústia e me preencho de adrenalina. Foto de @leandro.foto.

Desvelando-se o grotesco e o opressor na arte Drag, podemos tratar também de assuntos nos quais a maioria da sociedade estigmatizada pela mídia acredita ser o ideal, a serem dialogados da maneira correta, sem tocar nas feridas internas e externa, a Alma Negrot e a Agatha BluBlam se colocam em uma ponte que liga e desliga esses conectados do desconectar do vício industrial. Se é para incomodar, pois que seja do mais puro ser e não artificialmente imaturo, é esfregar e jogar a merda da hipocrisia no ventilador, deixando o cheiro se espalhar como uma praga da nossa arte.



**Figura 16:** Retirado do Instagram @almanegrot. Intitulado - Spin me Round | with loveto Pete Burns.Foto @tatagarino. Look @fkawallys.

Torne-se um animal ...

Me despir até o ponto em que você pode ver minha alma  
E me trate como um animal, sem delicadeza e com fúria ...

Retire a água da minha boca e transforme-se em água.

Faça-me dependente de sua carne e  
deixe-me devorá-lo como um lobo faminto.

Dirija-me com sons, pois as palavras não serão suficientes.

E me aperte com força, como se estivesse estourando  
meus órgãos que você quer

Puxe meu cabelo para o céu e solte um grito da minha garganta.

Deslize suas garras pelas minhas costas  
e enquanto os pássaros na selva cantam, cantam.

Amarre minhas mãos com correntes,  
para que não sejam elas que matam você.

Esperar por você enquanto você vem e eu venho em suas linhagens ... e

Deixe a chuva nos umedecer e molhe apenas o necessário.

Que o tempo perca significado e que a morte morra nossos lábios ...

Que nossos instintos sejam nossa razão.

Perfure meu peito em um ato do GROTESCO.

E comece sem pensar em meu coração.

Autor:Desconhecido.

Ciclo II: O corpo próprio como ponto de partida para construção da Drag Queen.

II.I: De que é feita a Agatha Blu Blam?

De pequenos desejos,  
Vagarosas saudades,  
Silenciosas lembranças.  
Entre mágoas sombrias,  
Momentâneos lampejos:  
Vagas felicidades,  
Inatuais esperanças.  
De loucuras, de crimes,  
De pecados, de glórias  
Do medo que encadeia  
Todas essas mudanças.  
Dentro deles vivemos,  
Dentro deles choramos,  
Em duros desenlaces  
E em sinistras alianças.



**Figura 17:** Fotografia retirada por Vitor Francisco, no ensaio, dia 16 de agosto de 2019.

Cecília Meireles.

Todos nós somos um ato, um mero efeito de fazer (-se), como uma Tia minha sempre dizia, “esse menino já está um homem feito.” Será mesmo que estamos feitos? Do que somos feitos, do eu sou feito? Essas respostas no

momento não podem ser respondidas, pois ainda existe caminhos para compreender melhor a minha existência, meu reexistir como matéria de um corpo que a cada amanhecer, onde o sol nasce primeiro trás consigo mais um novo enfrentamento dos medos, anseios, se auto sabotar-se , se aceitar negando da capacidade de crescimento. Provavelmente os acontecimentos de vida, as circunstâncias, a interferência de terceiros, ou mesmo decisões pouco ponderadas, poderão ter contribuído para a instalação da situação atual. Mas também as nossas condutas, inconscientes, ou seja, os nossos padrões comportamentais repetitivos poderão igualmente estar a condicionar o nosso sucesso.

Chamo esse quadro de auto sabotagem, enquanto um processo sustentado em crenças internas limitadoras construídas ao longo da vida e enraizadas na estrutura mental, que levam a pessoa a adotar comportamentos repetitivos que lhe são prejudiciais. Geralmente, este é um processo inconsciente, sendo frequente a projeção da responsabilidade ou da culpa no exterior.

Desfazer crenças negativas que levam à auto sabotagem, ter um autoconhecimento profundo, tolerar a frustração e ser persistente perante as adversidades, são aspetos que contribuem para o desenvolvimento do potencial e das habilidades de cada um. Partindo das habilidades e enfrentamentos dentro do meu ser artístico, a necessidade de fazer algo que se reverberam em algo mais potente, que chegasse de uma forma para me identificar e mostrar varias capacidades artísticas, as aflições, conflitos que foram sendo gerados durante esse período na academia, no qual já citado na introdução desse depoimento.

Está figura Drag Queen surgiu através de vários apontamentos, e digo mais, pelos sinais que apareceram a essa escolha e que ainda aparecem a cada instante no processo dos desvelar-se dessa arte que está me alimentando e dando forças para quebrar barreiras comigo mesmo e também oferecer o meu conhecimento fora e dentro dos muros da universidade.

Muito prazer! Batizo minha Drag de Agatha Blu Blam, onde nasceu em Belém do Pará, mas sua origem é paraibana, em setembro de 2018. Ela é de Libra, com ascendente em Virgem e a sua Lua em Touro, seu corpo se reverbera através do elemento Terra.

Agatha vem das pedras, no caso um leque de vários tipos de Ágata, nome de gênero feminino, é derivado da palavra Agathe proveniente do grego que por sua vez deriva da palavra agathós que significa: bom, portanto, podemos dizer que Agatha significa: bondosa ou boa. Onde também é o nome de uma gema que é distinguida das demais por sua variedade de cores, é considerada um quartzo e por muitos, é considerada uma pedra semipreciosa.

Blu vem do azul, que vem dos céus, no seu gênero masculino, onde transmite a tranquilidade, a harmonia e serenidade. Por ser uma cor na qual remeto a infância, a desenhos de conto de fadas, ao mesmo tempo traz uma energia de mistério, pois nunca sabemos do que o fundo do mar pode nos oferecer.

Blam vem como bênçãos e inspiração artística do amigo irmão de arte Vitor Blam. Blam significa Branco e pureza, palavra que tem sua origem de antigos dialetos do povo Celta. Povo esse que influencia várias tradições da Bruxaria tradicional.

A essência dos seus significados destas palavras batizadas, é uma junção com energias quem vem da terra e do espaço ao qual ela perpassa. Sua crença é voltada para os conhecimentos místicos das Bruxas, ela é uma Bruxa de Magia branca, entende um pouco sobre a magia negra, mas não cultua a prática.

Ela é o meu alter ego, de uma forma onde transcende o meu estado da busca pelo sagrado na minha arte, o que considero como sagrado e de alto valor, são às pequenas coisas e histórias breves e cheias laços e se viram nos e ao mesmo tempo desamarro com a minha fé cênica, segundo Constantin Stanislavski, é uma capacidade do ator de acreditar tanto na sua ficção que chega ao ponto de convencer ao público de que aquele universo ficcional é uma realidade para a personagem.

No caso da Drag ela acaba criando às vezes uma realidade além do que é real, pois ela perpassa por entre corpos, mentes e espaços, colocam sua essência, sua alma para fora, serem expostas para uma prova de fogo, onde existem aprovações e reprovações. Um termo que posso inserir como o ponto de partida para acreditar que uma Drag Queen tem força e potencialidade tanto no

campo do Ator Performer, no qual a essa pesquisa se compõe, como uma possibilidade de desencadear outros experimentos, sejam práticos e teóricos.

Para o campo do teatro, suas características cênicas vão de partida para o energético, que através dos elementos cênicos e composições sonoras, são levados para o caminho do oculto, do grotesco, da cena como memória para guiar um roteiro das histórias relatadas. Para compreender melhor sobre esses elementos cênicos que regem e guiam as composições cênicas na questão das ações e afetações, início através dos tipos de pedras de Ágatas.

- Ágata do Fogo:



**Figura 18:** Fotografia dos elementos cênicos.

Suas propriedades são curativas distintas, consideram-na uma pedra especial. Surge em tons laranja, marrom, azul ou verde. Talvez o aspecto mais importante dessa pedra seja sua ligação com as energias da terra. Esta foi a primeira pedra que utilizei nas suas propriedades de campos energéticos, no seu uso acalma e faz com que seja excelente para ser utilizada antes da meditação. No caso cada uma delas antes de compor a figura da Agatha Blu Blam, no processo ao me maquiar já utiliza com ponto de canalização de equilíbrio e concentração.

Possuindo uma enorme energia concentrada que pode canalizar de maneira bastante sutil as forças e vibrações que a regem. Sendo assim usadas em terapias de cura. Traz sorte aos seus portadores, suas vibrações atuam junto ao cosmos no sentido de ajudar a resolver todos os problemas relacionados ao amor, auxiliando nas conquistas e na retomada de relacionamentos perdidos.

Levando para o campo da interpretação e reações nos espaços, ela vai no intuito de provocar o libido, aquilo que é oculto é colocado como jogo na cena performática, atraindo desejos e fortalecendo a presença do corpo vibrante no estar sendo observado, como se estivesse com um campo magnético, fazendo uma forte ligação com o enraizamento dos pés, deixando o corpo bem flexionado e as articulações seja facial e corporal mais firmes.

Com a sua capacidade de trazer à tona problemas ocultos. Na cena ela estimula em ações mais diretas e precisas. Ela regi o meu ascendente, é o meu quarto Chakra, é alimentada pelo elemento do fogo. Ao aplicar o uso dessa pedra, busco a utilização de cores mais vibrantes e quentes, gerando um estado de força e controle sobre suas raízes, mesclando a energia do elemento terra com o fogo.



**Figura 19:** Retirado do Instagram @agatblu – Intitulado: Influências da pedra Ágata do fogo. Com predominância nas mesclas do vermelho para o laranja na composição.

- Ágata Branca:



**Figura 20:** Fotografia dos elementos cênicos.

Sua composição na cena influencia no seu poder de harmonizar yin e yang, as forças positiva e negativa que mantém o equilíbrio do universo. Com uma ligação aos rituais místicos, estimula a prática da hipnose no campo da cena, onde traz a transparência e clareza nas ações, com objetivo de atrair a total atenção causando impressões, ilusões pela visão e nas nuances vocais. Ela regi a minha lua, é o meu Chakra Coronário, é alimentada pelo elemento do ar. Traz uma fluidez na cena gerando graça e leveza aos movimentos.



**Figura 21:** Retirado do Instagram @agatblu – Intitulado:Saindo do lugar comum do brilho.

Na sonoridade pede leveza nos movimentos como uma harpia, veloz e sutil, seus pés são como uma pena flutuante, transmitindo um olhar sereno e complacente, sem a necessidade de revelar o invisível perante a face. Buscando uma imagem da fantasia, do que é mágico materno, onde é um dos pontos de benefício que a pedra oferece, é o instinto materno resgatando os ancestrais com suas contações de histórias ao redor de uma fogueira, com suas lendas e cantigas de roda, de ninas, canções inspiradas na melodia como um mantra, dando um ar de calma.

- Ágata Azul



**Figura 22:** Fotografia dos elementos cênicos.

É uma variação do cristal Ágata, e produz sensações de bem-estar, promovendo a paz e a felicidade. Ela se associa à cura e através da sua energia confere força e vitalidade a quem a tem junto de si, também contém um forte poder protetor afastando as energias negativas, reforçando os sentimentos de amizade e harmonia. Sua frequência facilita a comunicação de forma autêntica, sem temor da censura ou julgamento do outro.

Faz com que consigamos nos manifestar com mais firmeza nosso verdadeiro eu, sem se prender a máscaras sociais e conveniências momentâneas, que depois cobram um preço muito alto na saúde. Por exemplo, quando alguém se submete a uma situação com a qual não concorda, sem se colocar, sem dizer o que sente verdadeiramente (o que sempre pode ser feito de forma delicada, mas firme).

Amplia os estados de consciência, facilitando a entrada em estado Alfa para as meditações e libera tensões, principalmente na região do pescoço. Ela regi no meu Sol, atua no meu Chakra Laríngeo, é alimentada pelo elemento do ar. Na composição de cena, trouxe uma característica importante de ser frisada, é a sua origem ancestral dos povos Celtas, cheios de significados simbólicos e também trás um ar de uma Bruxa Europeia, no estilo Condessa onde sua predominância fica de grade desse azul que se espalha para todo o corpo, principalmente na região do pescoço, peito e cabeça, o chamado o equilíbrio do ser, traçando ao invés de linhas nos movimentos são ondas enraizadas e circulares.



**Figura 23:** Retirado do Instagram @agatblu – Intitulado: Ancestrais Celtas.

- Ágata Rosa



**Figura 24:** Fotografia dos elementos cênicos.

Sua dureza é uma das formas de definir a pedra natural, por ser um dos minerais mais raros, é tão forte que não consegue ser riscada com agulha, tesoura ou vidro, sua lasca pode riscar um vidro de janela. Trazendo essa força para a composição do corpo, num ritmo voltado para ambientar na cena do romantismo sarcástico, com ares de ironias, por energias obscuras, utilizando tonalidades obscuras e neutras, ou até mesmo exagerar no colorido causando um aspecto de Camponesa, de um pássaro com cores variadas. Tipicamente se alternam de camadas transparentes e opacas. A cor afeta as impurezas presentes na pedra.

Ela promove o amor, numa mistura terciária de vermelho e branco. A energia da rosa dependerá da quantidade de vermelho que é adicionado ao branco. Portanto, é usado como um excelente neutralizador. Acalma raiva e energia negativa. Ela fornece um tom subjacente de confiança e suporte e nos ajuda a passar de um estado mental defensivo a um calmante e positivo. É uma cor que nos ajuda a perceber nossos equívocos e crenças, que já não nos

servem. É uma pedra super adequada para artistas. Ela abre os processos criativos, limpa os bloqueios e traz a musa da inspiração, bem como estimula a imaginação.



**Figura 25:** Retirado do Instagram @agatblu – Intitulado: Uma breve canção de esquecimento, transcender minhas memórias como fruto de uma árvore que cresce mais e mais.

Substitui a dor com alegria, cura o coração e aquece o coração. Acalma, conforta e proporciona segurança. Alivia o estresse, promove o amor incondicional para os outros e a compreensão de que você é amável. Promove a suave aceitação do próprio eu, estimulando a confiança em nós mesmos. Transmuta a negatividade e a amargura, equilibra o estado físico, tendo a capacidade de harmonizar o corpo e a mente. No campo da voz ajuda seu portador a desenvolver a oratória. Protege seu dono dos maus espíritos, onde ao

sair para os espaços utilizo como forma de bloqueio para não receber ou captar essas energias negativas, que possam afetar as emoções durante a performance.

No romantismo obscuro provoca a rejeição e o medo, nas ações em que cada fala ou gesto é dialogado com receptor e o locutor da cena. Causando estranhamentos, como palavras verbalizadas com ar de traição e negação.



**Figura 26:** Retirado do Instagram @agatblu – Intitulado: inspirado no colorido que é a nossa natureza e artesanato nordestino.

Ela regi a minha Lua, com energia mais forte do que a Ágata Branca, atua no meu Chakra Cardíaco, é alimentada pelo elemento do Terra. No aspecto para

uma imagem mais colorida, levo para características do amor popular, pelas raízes culturais, nos folgedos, na cultura rural do Nordeste, buscando projeções com elementos da natureza e resgatando as memórias da infância como forma de brincadeiras nos jogos da cena. O estado corporal traz fragmentos da comedia dell' arte e ritmos para instrumentos de sopro e de chão, na batida dos pés e na leveza da voz. Uma mescla entre o espírito brincante com uma criança que desperta num corpo adulto, retirando os conflitos que a vida adulta carrega.

- Ágata Botswana



**Figura 27:** Fotografia dos elementos cênicos.

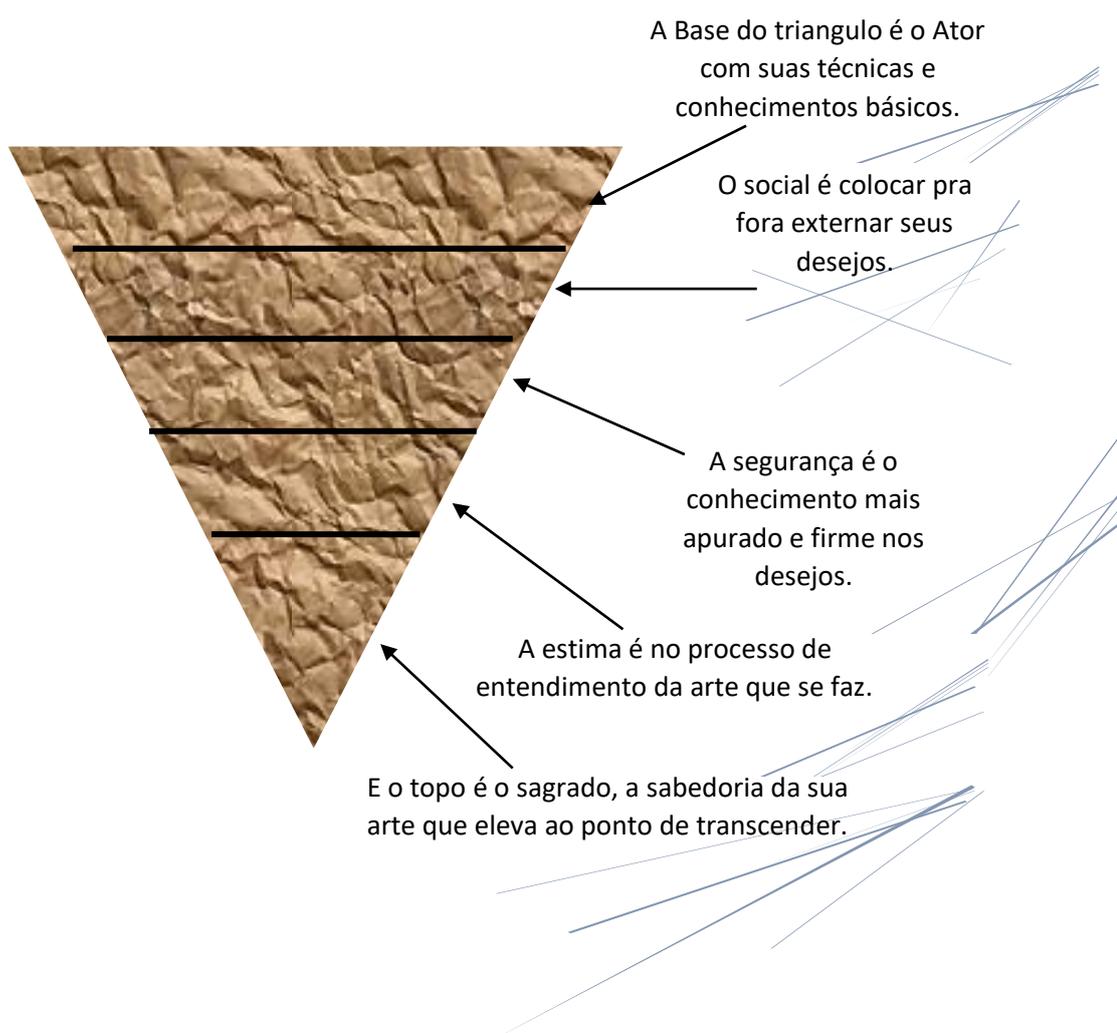
Conhecida como a pedra do pôr-do-sol, por se considerar que retém a luz do sol, para dar a sua energia em momentos de escuridão emocional. O nível físico é uma gema benéfica para a estimulação do sistema nervoso e do cérebro. Atuando também sobre o fluxo energético do corpo, o que ajuda a eliminar toxinas. Afasta a depressão e a tristeza e proporciona aconchego, o que a torna um excelente cristal para as crianças e para os adolescentes mais sensíveis.

Está em constante mudança, nos momentos de transição da vida. Auxilia a lidar com a incerteza e o desconhecido. Proporcionando um estado equilibrado, para se iniciar o caminho de crescimento espiritual. Canaliza a energia Universal do campo áurico, o que contribui para o aumento da nossa capacidade intuitiva. Utilizo como ponto de fechar o corpo nos processos de preparação da composição, concentrando do Chakra Raiz até ao Coronário, fazendo um eixo na consciência corpórea e espiritual. Ela regi o meu ascendente, atua no meu Chakra Plexo Solar e Frontal, é alimentada pelo elemento do Ar.



**Figura 28:** Retirado do Instagram @agatblu – Intitulado: O que é oculto? Revelar-se!

Na escolha de um símbolo para registrar como uma marca para Agatha Blu Blam foi inserido de forma sem saber a real importância deste símbolo e qual a sua história que carrega uma caixa de significados, que juntas se tornam num só corpo simbólico. Utilizo o triângulo invertido, pelo fato de ser um símbolo sagrado egípcio e entre outras crenças com cada uma na sua significância e importância para a cultura de cada povo. Minha primeira relação com esse símbolo é o ponto do sagrado onde a pirâmide se baseia do conhecimento geral na sociedade até chegar ao alcance do sagrado da sua arte.



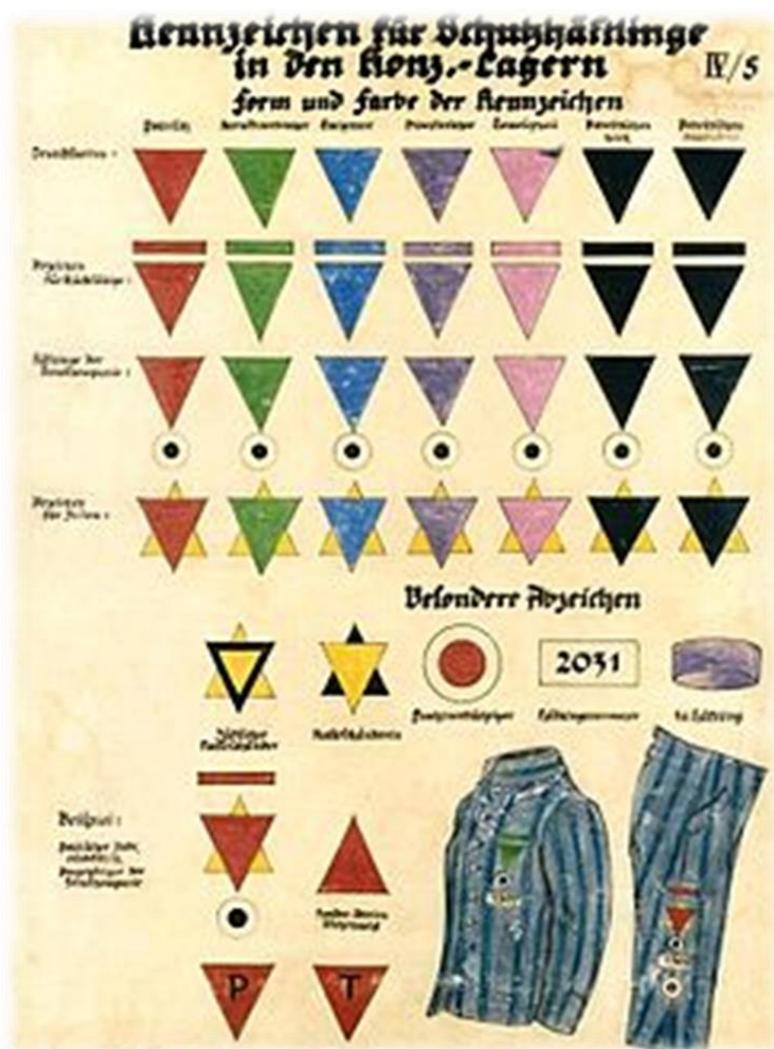
**Figura 29:** Gráfico da estrutura de pensamento para a busca do sagrado na arte.

Pensar nesta posição do triângulo, faz remeter a imagem do nosso corpo, com a ponta sendo enraizamento dos pés sobre a terra, alimentando o complemento do corpo até chegar na sua base e vice e versa, é uma via infinita que eleva a sabedoria e extrai da mãe terra os nutrientes para o saber do sagrado, o encontro com o Sou.

Em termos históricos refiro um símbolo do triângulo invertido tem origem na Alemanha Nazi, onde foi usado para identificar as prisioneiras. Além de mulheres de comportamento anti-social com ideais feministas e lésbicas que não representavam a mulher ideal nazi. Por esse motivo é hoje um símbolo de consciência feminista. Foi também usado para identificar os deficientes, os alcoólicos, os vagabundos e os grevistas.

Alguns anarquistas mais radicais adotaram o triângulo como símbolo contra a repressão e de consciência antimilitarista e antiautoritária, também se tornou o primeiro símbolo gay para marcar no campo de concentração durante o período do Holocausto no regime nazista, um triângulo rosa invertido, onde ela colocado em suas roupas para destacar em que posição na sociedade se encontra, dado como uma pessoa fora dos padrões que os nazistas não aceitavam, chegando a colocar essas pessoas como objeto de maus tratos, torturas que levavam até a morte, uma história crua e sem maquiagem dessa perseguição.

Em algumas das circunstâncias homens que utilizavam o triângulo roxo também tinham determinado Privilégio com alguns oficiais do alto comando da época. Caso houvesse algum tipo de traição eles eram executados imediatamente. Onde é detalhado e dialogado numa forma de relatos de sobreviventes homossexuais, numa pesquisa escrita por Ken Setterington, onde uniu no livro "Marcados pelo Triângulo Rosa".



**Figura 30:** Retirado da internet, enciclopédia livre. Um gráfico mostra as diversas marcas usadas por prisioneiros nos campos de concentração. Triângulos do Holocausto.

“Para os homossexuais, o futuro era sombrio. O Partido Nazista tinha deixado clara sua ideologia. Sua plataforma era baseada em reconstruir a Alemanha por meio de políticas fortes de ‘lei e ordem’, valores tradicionais e ‘pureza racial’. Essa raça ‘pura’ certamente não incluía judeus ou quaisquer outras pessoas consideradas nocivas pelos nazistas – e os homossexuais eram, definitivamente, nocivos.” (pág.24, paragrafo 3, cap. 2).



**Figura 31:** Retirado da internet, enciclopédia livre. O artista Richard Grune foi processado com base no Parágrafo 175 e, desde 1937. Esteve preso em campos de concentração. Em 1947 ele produziu uma série de gravuras detalhando o que testemunhara nos campos. Esta obra é intitulada Solidarity (Solidariedade).

Foi através dessa descoberta nessa investigação sobre o que a de oculto e não muito dialogado, são os lados obscuros no qual o movimento LGBTQI+ já ultrapassou até hoje, que fortaleceu a importância desse símbolo para definir traços dos objetivos traçados nas composições da Agatha Blu Blam, foi onde ganhei forças para enfrentar os medos e as relações que estarão por vir diante do meu discurso, de uma fala que grita através da arte de ser uma Drag Queen que revela e desvela os diálogos nos quais ficam dentro de um armário.

Vale salientar que essa investigação ainda está em processo, pois como já havia dialogado anteriormente, que os traços e a identidade de uma Drag Queen é um percurso longo e propicio a várias transformações de acordo com a composição do Ator Performer.

## II.II: O público como segundo espelho.



**Figura 32:** Retirado do Instagram @agatblu – Intitulado: Sobre peles e camadas.

Desabafo de Segunda-feira.

“É impossível para o espelho da alma refletir na imaginação alguma coisa que não esteja diante dele. É impossível que o lago tranquilo mostre em sua profundidade a imagem de qualquer montanha ou o retrato de qualquer árvore ou nuvem que não exista perto do lago. É impossível que a luz projete na terra a sombra de um objeto que não exista. Nada pode ser visto, ouvido ou de outro modo sentido, sem ter essência real. O resto é excesso. Na luta contra o mal o excesso é bom; quem é moderado em anunciar a verdade está apresentando apenas uma meia-verdade. Esconde a outra metade com receio da cólera do povo. Não vou me surpreender se os "pensadores" disserem de mim: "É um

homem de excessos que se volta para o lado mais desagradável da vida e não apresenta nada mais que desgraças e lamentações."

Se não entende, compadre, na casa da ignorância não há espelho no qual se possa ver a alma.

A vida, mestre, é uma escuridão que termina na explosão da luz do dia. Sempre!"

Autor: Raul Seixas.

De tanto se utilizar um objeto para nos vermos sem nenhuma máscara, mostrando as marcas do dia a dia, do corpo precário que muitas das vezes necessitamos olhar para nossa face através de um espelho, seja para se admirar, buscas as imperfeições, reparar os danos que os anos vai deixando sobre a face. No observar desse ponto de vista, ao me maquiar limpando a pele, retirando os traços masculinos para assumir uma figura que permeia por nenhum gênero, e sim por um ser que cultiva a pura alma e suas histórias essa é a essência na qual a Agatha senti mais prazer.



**Figura 33:** Intitulado – Processo de transformação para Agatha Blu Blam. Fotos de Bruno Vinelli.

Quando deixamos de lado a nossa vaidade para compor e se desprender de padrão que a sociedade impõe, podemos partindo disso observar não como forma de julgamento, não temos esse direito de julgar o próximo.

Quando me refiro ao termo segundo espelho, para falar sobre o público, levo para a questão que o espelho reflete através de sua luz, quem nós somos e queremos ser.

No campo da performance da Agatha, faço uma relação de troca e reflexo do que eles(as) querem ver a partir do que a Agatha mostra, tudo que ela inseri é apenas mais cru e real, só que nas entre linhas de um pensamento poético e melódico, cada um com suas interpretação, sensações e desconfortos. Por isso a Agatha enxerga e expõe histórias que podem ser tanto minhas como a de vocês. Um segundo espelho para ir além, no que a pôr de traz de tantas coberturas e camadas e faces.

II.III: Como ela(e) modifica os espaços.

O que motivou para que eu não parasse de fazer a Agatha Blu Blam? É simples ou fácil manter uma Drag Queen? Por qual motivo, o desejo de fazer uma Drag que vai contra a corrente do padrão que dentro do meio LGBTQI+, ainda persiste em questionar? Do que é uma Drag Polida ou não?

Ser chamada de “lixo”, “catadora de lixo”, “apropriação cultural”, “sem talento”, “isso que você faz não é Drag”, “você veio do esgoto”, “você está fedendo”. Palavras essas foram ditas, como forma de diminuir o trabalho para o qual estou propondo.

Mas diante de tantos questionamentos e palavras de ofensas não foram capazes de desistir, por motivos de em cada apresentação, os espaços que penetraram na minha trajetória até essa pesquisa, pude perceber e sentir que a cada espaço modificava, tanto o meu sagrado como o que era sagrado para essas pessoas, nesse segundo espelho que tem uma dimensão que ultrapassa os estados de delírio sendo estimulados nas noites de baladas, no álcool embriagando os desejos, o libido e ao chegar a presença da Agatha, todo espaço ao redor embarca, navegando por entres mares desconhecidos. Com olhares

atentos, causando desconfortos a cada palavra que a Agatha invoca é como uma flecha ou choque que penetra no coração, sobre a pele que queima, gerando dúvidas e reflexões que são externadas, pelo simples fato de conseguir se enxergar nesse desvelar-se, onde a maioria das pessoas vai para uma balada com o objetivo de se divertir e não ficar um instante compenetrado numa performance de Drag, que na maioria das vezes, são performances com dublagem de uma música conhecida, bate cabelos ou um vícios cômico.

Depois de cada apresentação, sempre recebia uma energia muito forte diante do espaço e também dos depoimentos do público, que muitas das vezes era uma via de escape no qual alguns chegavam num estado emocional muito forte, trazendo consigo uma identificação pela Agatha, o que ela reverbera nas pessoas, não é apenas uma Drag, existe algo que provoca como símbolo de poder, da força, de um ponto obscuro no qual ainda não sei de onde vem.



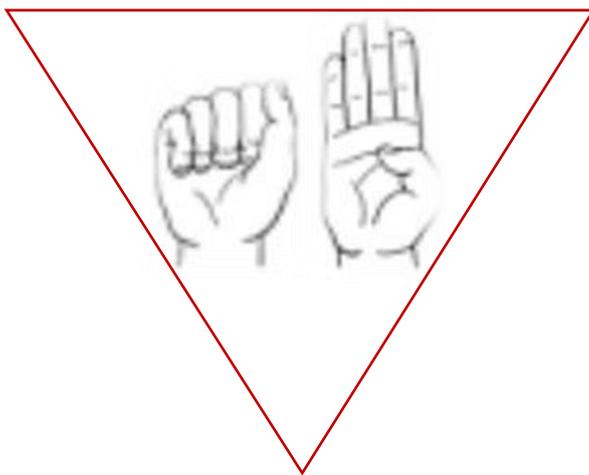
**Figura 34:** Intitulada – Atravessando sinais. Foto de Bruno Vinelli.

É penetrar nas feridas e expor para poder investigar e resolve-las ou não. Onde pude perceber que dentro desse mostrar o meu sagrado e coloca-lo como questões para que o público fique na inquietação. No mais verdadeiro possível é ter uma ligação que haja uma troca de histórias dentro de uma mesma performance. Foram depoimentos do tipo “Você me deu forças pra enfrentar os meus medos.” “Seu corpo é uma fonte de energia que me transportou pra um lugar desconhecido.” “A única coisa que queria fazer, depois da sua apresentação, era te dar um abraço bem forte e te proteger.” “Já passei por situações assim com amigos meus, sua história me diz que nessa vida nunca estamos sozinhos com os nossos medos e histórias, elas sempre precisam ser colocadas para fora.” “Nunca deixe, nem desista de ser a Agatha, ela é um presente dos Deuses”.

Diante desses encontros nos espaços, por onde percorro sempre acabo levando algo desse lugar, dessas pessoas e me engrandeço com essas histórias e formas de viver, diante de um mundo tão cruel e surreal, que é a nossa mente e como a arte pode penetrar nas nossas raízes, fortalecendo-as com bons ou ruins frutos, em que cada ciclo de vida nos tornamos seres mais pensantes e dialogando, se abrindo mais para entendermos quem somos. Onde está o nosso sagrado? Pode estar em qualquer lugar, mas não ainda procurar, ele surge como uma luz e a cada vez que vamos investigando, experimentando e criando caminhos para alcançar, é sinal de que seu sagrado está se desvelando-se num astro de luz pura.

## Ciclo III: Diário Compartilhado na Composição da performance Avant La Lèttre - Agatha Blu Blam.

### III.I: Construção Dramatúrgica.



**Figura 35:** Brasão da Agatha Blu Blam.

Depois de todo esse processo de descobertas, no percurso dessa pesquisa, chego ao ponto onde agrego valores, pessoas, leituras, resgastes das minhas memórias, canções, orações, melodias que me estimulam no dia a dia, novos ensinamentos sobre a potencia que são os cinco elementos da natureza, como um dos pontos de partida, no qual cada símbolo se reverbera na escrita de palavras com um peso de um processo de aprendizagem no inicio ao entrar na escola desde pequeno até o presente momento na academia.

Introduzo o primeiro passo que foi dado para as letras iniciais do nome da Agatha Blu Blam, como no capítulo anterior falo sobre seu significado mais voltado para as características de sua figura Drag. Nesta etapa falo de uma outra significância que são as letras colocadas no símbolo de seu brasão. A vogal (A) referisse Alfa (A ou  $\alpha$ ; em grego:  $\alpha\lambda\phi\alpha$ :álfa) alfa estava ligada à Lua. Pois também eram associados à Lua no simbolismo religioso primitivo tanto de sumérios quanto de egípcios devido ao formato crescente de seus chifres. Pelo fato da Agatha ter

uma ligação forte com a Lua, por ser uma das suas fontes de energia e as Bruxas são inteiramente ligadas a ela. A vogal (B) referisse Beta (B ou  $\beta$ ; em grego:  $\beta\eta\tau\alpha$ :bēta) derivação da letra fenícia Beth, que significa “casa”. E a letra ser a denominação de um dos ângulos de um triângulo. Por essa escolha, faço uma junção com a Lua sendo a casa astral da Agatha, dentro de ângulos de um triângulo sagrado, que é o seu chão e a lua o teto da casa.

“Avant La Lèttre”, surgiu como complemento do título da performance no dia 16 de Julho de 2019, o dia Internacional da Drag Queen, onde foi também uma noite muito inspiradora pelo eclipse lunar que surgiu no momento certo. Numa conversa com o meu companheiro Vitor Francisco, ele disse: “ A Agatha ela é Avant La Lèttre” (a frente do seu tempo) um ditado popular falado na França, quando uma pessoa aparece num espaço no qual sua característica visual, psicológica, filosófica e personalidade forte, que tudo está num espaço onde a outras pessoas sentem uma estranheza, um impacto visual e entre outras sensações, sejam positivas ou negativas, essa pessoa que aparece pra inverter a ordem que o padrão social impõe, gera o pensamento de que essa pessoa diferente é como se ela estivesse fora do tempo, época e espaço atual.

Através desse pensamento de criação do título, aplico como relação das reações que a Agatha Blu Blam causa nos espaços e muita das vezes, suas ações não são muito compreendidas aos olhos de quem está massificado pelo mercado cultural padronizado, a própria mídia, mas no geral todas as Drags estão á frente do seu tempo, por isso ser intitulado de Avant La Lèttre Agatha Blu Blam.

Em seguida veio um presente da palavra “Desvelar-se” pelo meu Orientador Sergio Oliveira, onde colocar em exposição, removendo o véu que revestia: desvelar uma obra de arte; durante a peça de teatro, os atores desvelavam-se. Portanto ficou como Avant La Lèttre Agatha Blu Blam: O Ator Performer no Desvelar-se Drag Queen. Numa descrição mais detalhada é a Agatha está no seu teto lunar, no chão triangular, onde está a frente do seu tempo, sendo um Ator Performer tirando o seu véu para surgir a aparição da figura Drag Queen.

Partimos para os encontros com os colaboradores, que no caso denomino de Clã, que significa crianças em gaélico escocês, também chamada de clannad, que significa família. É um grupo de pessoas unidas por parentesco, que é definido pela existência de um ancestral em comum. O clã não precisa ser de parentes de sangue, especificamente, o valor principal é terem laços simbólicos. Os clãs funcionam como uma espécie de tribo.

A partir daí passei a observar, que cada um que estava entrando no processo de composição da performance e na pesquisa, cada um tem sua importância, suas habilidades artísticas, ligações espirituais e uma troca de conhecimento simbólico e significativo para essa composição, onde colocamos como pontos de organização dos encontros é que se um de nós não estiver bem psicologicamente e espiritualmente, seria ariscado a se afetar ou afetar no processo, e é claro que cada um dando uma força para outro, não cair a energia no geral, mas nem sempre são flores que cultivamos, existiram espinhos, mas aos poucos aprendemos a lidar com eles sem retirados, pois era também uma forma de dialogar com as dificuldades e atropelamento do tempo que foi curto.

Ao introduzir nesses encontros, o nosso ponto de partida para um possível texto dramático, no momento só tinha duas cenas como base para o que poderíamos produzir em cima disso, texto esse veio de uma forma no qual não sei explicar, onde foi tudo improvisado na minha primeira performance como a Agatha, onde horas antes da apresentação surgiu um pensamento e fazer uma relação com a oração do Pai Nosso, que é uma oração universal, onde todo mundo conhece, com relator da minha infância, onde ficou dividido em três partes da oração, em seguida o relato que só depois de investigado melhor, pude perceber a forte ligação que havia entre ambos os textos. E o outro texto já fazia uma relação da canção de ninar:

“Eu tenho uma bonequinha assim  
Ela veio de Paris pra mim  
Ela tem um lindo chapéu  
E também um amor de véu.”

Relacionando com uma memória da minha infância, onde eu sempre brincava com as bonecas da minha irmã, escondido da minha mãe, onde na composição do relato ficou desta forma:

“Olha, tá vendo aquelas bonecas alí? São tão lindas, todas da cor das nuvens, polidas! Nunca pude brincar com as bibelots, só que isso não importa mais hoje, sabe porque? Hoje eu sou uma boneca do meu jeito!”

Desta forma, formulei uma estrutura dramaturgica, relacionando poemas, orações, relatos, depoimentos e receitas, tudo junto fazendo uma colcha de retalhos. Onde fomos para o caminho da distribuição das outras cenas, como seriam escritas, relacionar cada uma delas com alguma representação simbólica.

Partimos para o campo da investigação dessa estrutura, no qual o Cleiton Teixeira, com a sua função de colaborador na construção dramaturgica, para encontrarmos uma mandala que tenha um significado importante para podermos a partir dela, montar o processo de condução de apoios para a Agatha ser conduzida de acordo com o que a mandala pode oferecer para a cena como um todo, num valor simbólico até criar uma estética da proposta da performance que no momento ainda se encontram em investigações das potências dessa estrutura.

Este ciclo 3º é complementado pelo Clã, onde cada um inseriu seus apontamentos, contribuições e acolhimentos, em forma de depoimentos para unir forças e desvelarem-se suas ligações com a pesquisa e em particular com a Agatha Blu Blam.

### III.II: Roteiro de Ações através da Cenografia Circular.

Por qual motivo, escolher antes a estrutura de um possível cenário em formato de uma mandala, no qual ele só ocupa um espaço no chão, onde não se tem uma estrutura física, para chegarmos a uma explicação de que isso é cenário?

- Será a mandala que irá guiar o Ator Performer na cena.

- Através de um mecanismo de sentidos, partindo do seu significado e importância.
- É uma forma de delimitar o espaço onde acontece a performance, tornando uma proposta intimista e intuitiva.
- Estruturar no formato circular, numa visão de 360°.
- Dependendo do local onde será apresentado essas estruturas são mapeadas e adequadas a cada espaço.

A escolha da mandala foi uma sugestão dada pelo meu Orientador, que na realidade foi um presente dado, onde ao investigarmos as possibilidades, o grau de sua importância histórica e por existir diversos significados, nos colocamos no desafio de experimentar uma estrutura nova, onde bebemos da fonte do próprio símbolo pra guiar todo o trabalho, seja na distribuição das cenas, como na composição de um todo.

Mas para chegarmos a mandala escolhida, vamos entender um pouco sobre a importância da mandala. O seu termo é originário da língua sânscrita (uma língua morta que tem raízes na Índia) e que significa círculo. É fácil entender o motivo de significar círculo, afinal, elas possuem esta forma geométrica. Mas as mandalas podem ter outros formatos, como triângulos ou quadrados, mas sempre inserido dentro de um círculo.

A mandala é uma concentração de energia. Por isso é importante conhecer muito bem seu significado e não utilizar de forma errada. Ela não é apenas uma forma. Sua energia tem o poder de levar a estados de meditação, tranquilidade e harmonia. Além disso, algumas religiões a utilizam como símbolo, indicando atributos de algumas divindades. Entre as mandalas com ligação religiosa mais conhecidas está o Yin e Yang, símbolo do taoísmo. A história das mandalas surgiu no Japão e Tibet, por volta do ano VIII aC e era utilizada nas meditações.

As mandalas podem ter muitos formatos, tipos e cores. Dentre os formatos que analisamos, no qual se encaixaria dentro da performance, definimos os seguintes formatos:

- **Círculo:** são os formatos mais conhecidos de mandala, afinal, sua tradução é justamente essa. As mandalas em formato circular transmitem energia e causam sensação de hipnose, relaxando quem as observa.
- **Pentagrama:** está relacionada com a alquimia. Muitos magos utilizavam deste formato de mandala. Ela tem o poder de renovar o ambiente.

Onde temos também a importância da escolha de suas cores. Não são apenas os formatos das mandalas que modificam o ambiente, mas também suas cores. Existem estudos na área da psicologia ligados às representações das cores e uma mandala dentro de um ambiente, pode trazer uma energia diferente, dependendo da sua cor:

- **Branco:** significa pureza e inocência. Pode limpar ou purificar um ambiente mais pesado;
- **Preto:** traz formalidade para o ambiente;
- **Roxo:** limpa o ambiente de coisas negativas, pois está ligado à espiritualidade;
- **Azul:** ideal para quem tem problemas de insônia ou estresse. O azul traz ainda esperança;
- **Verde:** tem o poder de acalmar um ambiente. Também está ligada à cura;
- **Laranja:** é a representação do sol. Traz iluminação para as pessoas que estão no ambiente e também pode representar coragem. É ideal para as pessoas que passaram por um momento difícil e precisam se reerguer;
- **Vermelho:** causa excitação, energia e pode afastar sentimentos de depressão. Mas ela também pode deixar as pessoas mais irritadas e até mesmo tirar o sono;

Ela possui propriedades relaxantes e espirituais, pois está carregada de uma energia que irá penetrar no ambiente que ela está. Estudos de psicoterapia, como os de Carl Jung, já estudavam a mandala. Para ele, as mandalas eram uma

personificação, ou seja, elas interpretavam a personalidade das pessoas. Temos dois formatos de pentagrama.

- Pentagrama:

A estrela de cinco pontas pode ser encontrada em fragmentos de cerâmica de mais de 4 mil anos. Contudo, o símbolo foi popularizado por Pitágoras, que afirmava que o 5 era o número do homem, pois tanto a alma quanto o corpo poderiam ser divididos em cinco partes. Um dos primeiros usos documentados dessa estrela foi feito justamente por seguidores de Pitágoras, como um símbolo secreto para se reconhecerem. Além dos pagãos, o pentagrama também foi (ou é) usado por praticantes do cristianismo, druidismo, alquimia, tarô e cabala. Na magia, é considerado um importante símbolo de poder.

- Pentagrama invertido:

Diferentemente do pentagrama, o pentagrama invertido tem uma interpretação mais sinistra, como um dos símbolos do ocultismo moderno. Com base no desenho do ocultista francês Stanislas de Guaita, o pentagrama com duas pernas para cima, inscrito em um círculo e com a cabeça de uma cabra dentro é o logotipo da Igreja de Satã. O ocultista Aleister Crowley também fez uso do pentagrama invertido, simbolizando a descida do espírito na matéria.

Portando dependendo da posição em que ela vai estar, e a posição em que público estará, podem ver visões diferentes. Na estrutura da performance, estabelecemos na possibilidade da visualização da mandala em 360, onde o performer fica desprotegido de não existir as coxias e nem a ultrapassar o espaço da mandala, gerando uma concentração num ritual onde envolve a todos os presentes.



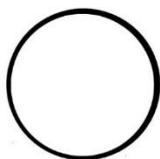
**Figura 36:** Mandala de Pentagrama /Imagem tirada da internet.

Esse é o formato no qual iremos trabalhar na performance, utilizando o efeito da luz negra, com sua pintura no espaço na cor branca, deixando o pentagrama aceso, onde em cada ponta do pentagrama representa os 5 elementos da natureza, e seus pontos de cada cena em seus respectivos elementos representativos.

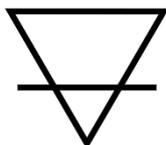
Há quatro possíveis associações ao pentagrama, utilizadas pelos ocultistas:

- A primeira seria a representação da humanidade, ou do corpo humano, com dois pés, cabeça e dois braços não desenhados.
- A segunda seriam os cinco sentidos (visão, audição, tato, cheiro e paladar).
- A terceira os cinco elementos da terra (espírito, fogo, ar, água e terra).
- O quarto e último seriam os cinco ciclos da vida, sendo eles o nascimento (início de tudo), infância (momento de criação de bases), maturidade (comunhão com outras pessoas), velhice (momento de reflexão e sabedoria) e morte (tempo do término para um novo início).

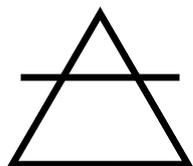
Na bruxaria, o pentagrama é um elemento essencial, assim como a cruz é para os cristãos. Ele representa a sua fé e o homem dentro do círculo, que é o mais alto símbolo da comunhão entre os deuses.



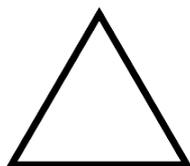
- **Espírito:** Representa os criadores, a Deusa e o Deus que guiam a nossa vida e nos ajudam na realização dos ritos e trabalhos mágicos. O Deus e a Deusa são detentores dos quatro elementos e estes elementos são as outras quatro pontas.



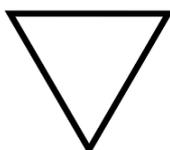
- **Terra:** São forças telúricas e os poderes dos elementais da terra, que são os Gnomos. É a ponta que simboliza os mistérios, o lado invisível da vida, a força da fertilização e do crescimento.



- **Ar:** Forças aéreas e os poderes dos Silfos. Está relacionada à inteligência, ao poder do saber, a força da comunicação e da criatividade.

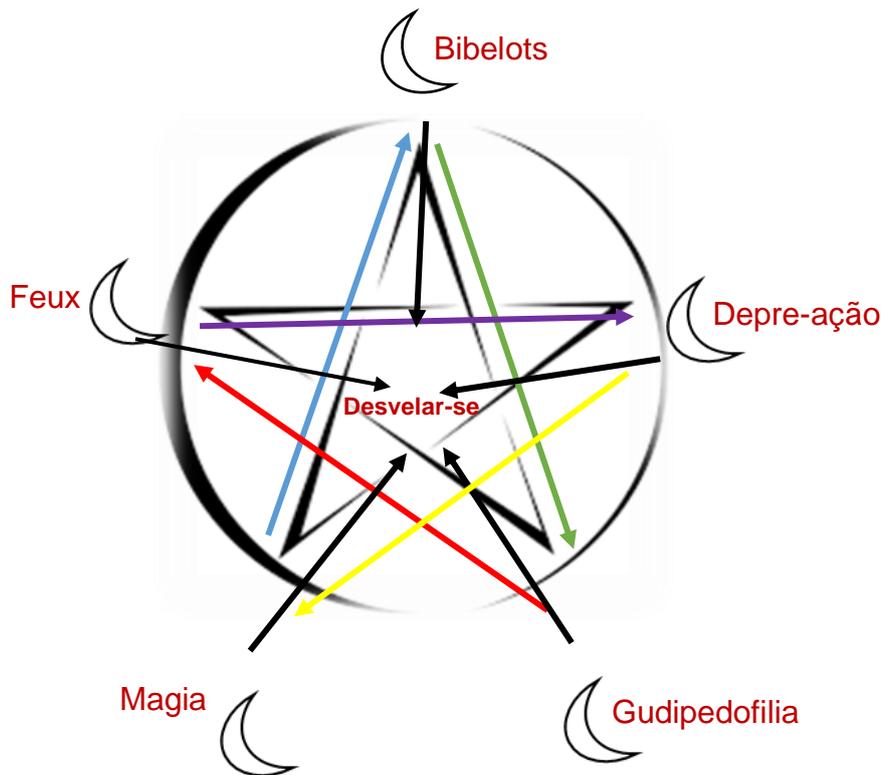


- **Fogo:** A energia, a vontade e o poder das Salamandras.  
Está ligado às mudanças, às transformações.  
É à força da ativação e da agilidade.



- **Água:** Forças aquáticas e aos poderes das Ondinas.  
Está ligada às emoções, ao entardecer, ao inconsciente.  
Corresponde às forças da mobilidade e adaptabilidade.

**Figuras 37, 38, 39, 40, 41:** Símbolos dos cinco elementos da natureza, para o pentagrama.



**Figura 42:** Gráfico do mapeamento da cena em movimento.

Esse mapeado da cena identifica que em cada ponta do pentagrama está associado a uma cena e a um elemento, onde às setas mostra movimentação do corpo de acordo com o pentagrama:

-  Seta azul – Ar.
-  Seta verde – Terra.
-  Seta vermelha – Fogo.
-  Seta roxa – Água.
-  Seta amarela – Espírito.
-  Seta preta – Encontro dos cinco elementos, fazendo a Invocação.

A distribuição das cenas com o seu contexto ficou discriminado desta forma:

- Desvelar-se I: Cena introdutória para Invocação /Ritual da Oração / Chá das Seis da tarde / Purificação e Proteção das cinco pontas.

- Bibelots: O Ar em no corpo de uma criança cantando uma canção de ninar / Brincadeiras aleatórias com o segundo espelho (público).
- Gudipedofilia: A Terra entrando nos poros de uma criança / Ferindo / Torturando / Brincando com bolinhas de gude / Homem adulto usando a terra para fins de sua diversão.
- Feux: O Fogo se alimenta da terra que vira fogo, vulcão vulcânico / Corpo no estado da libido / Sexo / Relacionamentos Negativos e Positivos.
- Depre-ação: A Água na sua calma / Canção de Invocação / Sufocamento / Choque elétrico / Bate Cabelo / Estado de Surto / Trocando palavras.
- Magia: Onde o Espírito reuni os outros elementos para ele surgir / Receita de Feitiço / Santa Ceia / Almoço de domingo com a família.
- Desvelar-se II: Revelando as histórias, se entrelaçam com a Oração do Pai Nosso.

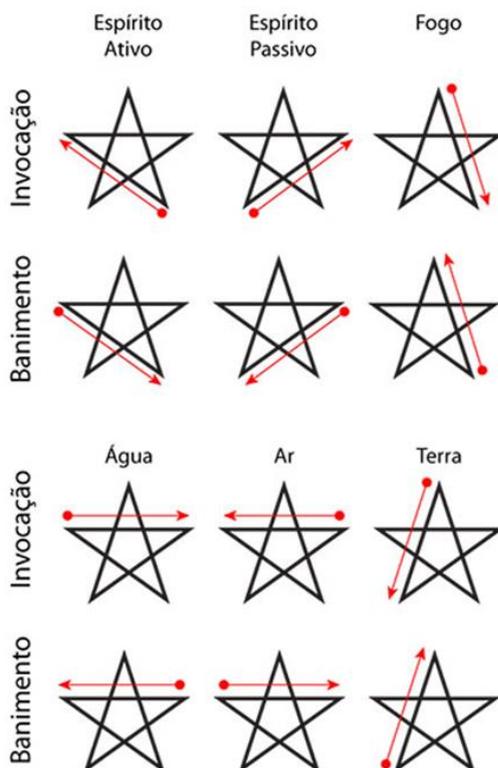
Elementos de adereços utilizados em cena:

- Instrumento de percussão, Alfaia.
- Copo de barro preto
- Chaleira de Alumínio.
- Turibulo de barro, com o incenso Palo Santo.
- Caixinha de madeira com bolas de gude.
- Dois leques vermelhos.
- Bacia média de Alumínio, com água.
- Panela de barro média.

Elementos que compõe a performance para receber o público:

- Tapete na porta de retalhos.
- Copo para tomar Chá de Capim Santo.

Em seguida, descrevo a distribuição de energias de energias que o pentagrama perpassa, com seus cinco elementos, sendo que divididos em ações de Invocação e Banimento, o único que só tem apenas sua divisão própria junto com os mencionados, é o Espírito no campo Ativo e Passivo.



**Figura 43:** Simbologia do ritual com os elementos /Retirado do Internet.

### III.III: Música de encantamento.

#### ➤ **Breve Análise Formal e Estrutural da Obra: Avant La Léttre Agatha Blu Blam.**

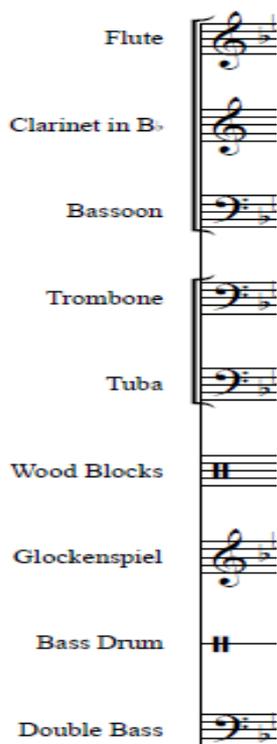
Este Texto tem por objetivo realizar uma análise formal referente aos processos composicionais da obra Avant La Léttre Agatha Blu Blam. Conjunto de peças em questão foram resultados da parceria realizada entre o propositor da peça Rafael Angelo e o compositor Vítor Francisco. Foi proposto inicialmente uma parceria para musicar e ambientar sonoramente a performance que estava em processo de germinação e criação de idéias. Devido o escasso tempo tanto para o desenvolvimento da performance teatral, a quantidade reduzida de ensaios

onde o compositor estaria presente, foi desenvolvido a ideia onde a composição estaria presente como adjunto da atuação.

O desenvolvimento da estrutura/construção textual, foi sendo amadurecida com a criação musical. Devido à possíveis realizações de apresentações futuras, foi adotado a construção instrumental e de orquestração das composições uma formação insólita (definida aqui como uma orquestração que distancia consideravelmente das ideias já padronizadas e rotineiramente utilizadas em processos performáticos onde a música é utilizada como coadjuvante da atuação.

Como orquestração, foi utilizado os seguintes instrumentos que permearão por todos os movimentos à exceção do penúltimo movimento da peça “Depreção” que possui uma orquestração distanciada das ideias e desconstruções propostas pelos demais movimentos:

**Flauta/ Clarinete / Fagote / Trombone / Tuba / Wood Blocks (2) / Glockenspiel / Gran Cassa / Contrabaixo**



**Figura 44:** Demonstração da orquestração conforme edição da partitura.

Lento e Expressivo ♩ = 68

Voz Masculina

Orgão

The image shows a musical score for 'Voz Masculina e Órgão'. It features a male voice part on a single staff and an organ part on three staves (treble and two bass). The tempo is 'Lento e Expressivo' with a quarter note equal to 68 beats per minute. The key signature has three sharps (F#, C#, G#) and the time signature is 4/4. The organ part is marked with a large brace on the left.

**Figura 45:** Exemplo da orquestração do movimento Depre-ação>**Voz Masculina e Órgão**

A construção da peça que é realizada sobre uma mandala que contém um pentagrama foi estritamente respeitada nas idéias musicais. Desvelar-se: Funciona como uma abertura onde os elementos da natureza (Ar, Terra, Fogo, Água e Espírito) são todos concentrados em uma exposição conjunta, onde, posteriormente cada uma dessas ideias “elementais” serão ampliadas.

Dense ♩ = 78

Flute

Clarinet in B♭

Bassoon

Trombone

Tuba

Wood Block

Glockenspiel

Bass Drum

Double Bass

Elemento Terra

The image shows a musical score for 'Elemento Terra' with a tempo of 'Dense' and a quarter note equal to 78 beats per minute. The key signature has two flats (B♭, E♭) and the time signature is 4/4. The score includes staves for Flute, Clarinet in B♭, Bassoon, Trombone, Tuba, Wood Block, Glockenspiel, Bass Drum, and Double Bass. Several staves are highlighted with red boxes: Clarinet in B♭, Tuba, Bass Drum, and Double Bass. A red dashed box encloses the Bassoon and Trombone staves. A red box labeled 'Elemento Terra' points to the Clarinet in B♭ staff.

A representação do elemento Terra é expressa na forma de construções musicais planas. Exemplificadas no trecho executado pelo Clarinete, Tuba, Gran Cassa e Contrabaixo (Trechos assinalados de marrom).

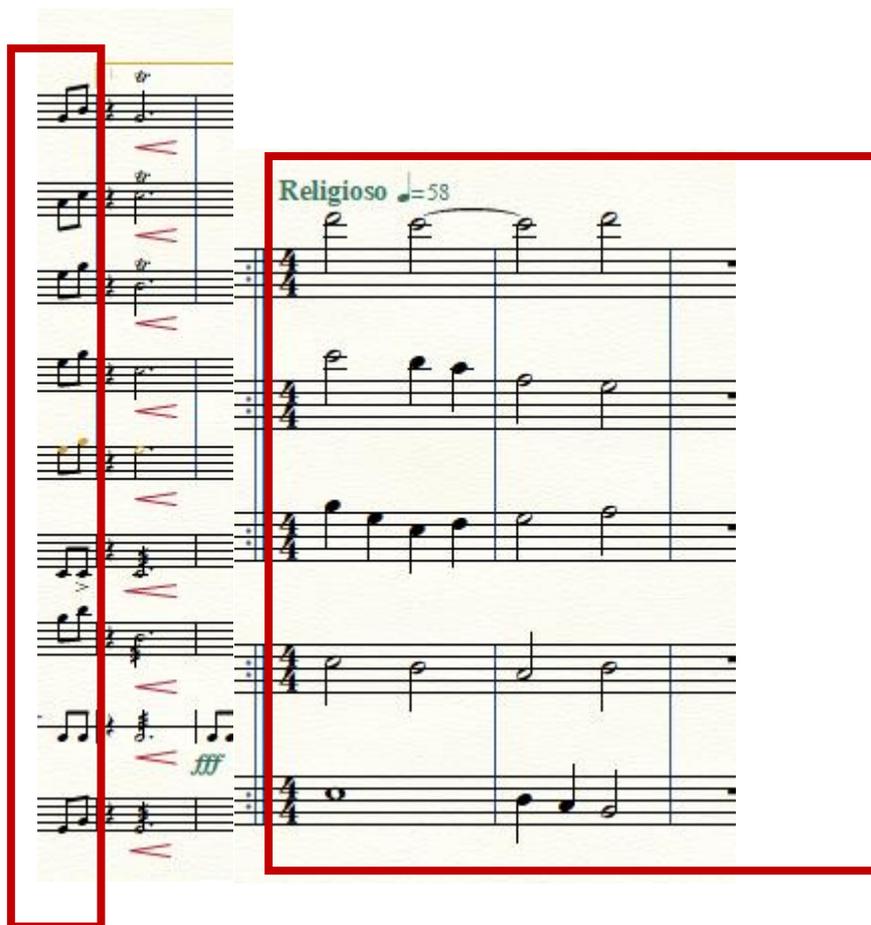
O elemento fogo é representado em notas geralmente de passagens mais rápidas sempre em ascendência de três ou quatro notas Seguidas de passagens obrigatoriamente em notas descendentes. essa representação não segue um parâmetro de ritmo. essa estrutura demonstra os movimentos irregulares de ascensão e descidas das labaredas de uma chama. Trecho assinalado de vermelho tracejado.

Outro elemento representativo do trecho fogo são Notas de passagem muito rápidas expressas em forma de apoggiaturas executadas pelos Wood blocks onde essa representação exemplifica a sonoridade de crepitação que se tem em uma chama de uma fogueira.



Representação do elemento fogo na forma de crepitação de sons.

O elemento ar é expresso em uma sonoridade suspensa, realizada conjuntamente por todos os instrumentos ou grande parte deles em diferentes sonoridades, texturas e em passagens corais



Representação do elemento ar

O elemento água é expresso em passagens descendentes como representação da água das chuvas ou gotas que caem e notas espalmadas em sequencias conjuntamente ascendentes e descendentes dando um aspecto de ondulações ou de respingos quando os mesmos pingos se chocam em uma superfície plana.

Flute

Clarinet in B $\flat$

Bassoon

Trombone

Tuba

Wood Blocks

Glockenspiel

Bass Drum

Double Bass

Exemplos de passagens fluidas descendentes (Azuis-representação do elemento água) se chocando em estruturas planas (marrons-representação do solo).

Exemplo de estruturas ondulatórias (Azuis-representação do elemento água) se chocando com estruturas planas (Marrom representação do elemento terra).

O elemento espírito é representado pela junção de todos os pressupostos apresentados e propositalmente a desconstrução e inversão dos mesmos: estruturas planas e ondulatórias desconstruídas na forma de inversão, estruturas de trechos ascendentes em ascensão e representação do elemento fogo presente.

The image shows a musical score for a piece titled "Religioso" by Franz Liszt. The score is written for piano and consists of several staves. The music is characterized by intricate rhythmic patterns, including triplets and sixteenth-note runs. The tempo is marked "Allegretto" and the mood is "Religioso". The score includes various dynamic markings such as *ff* (fortissimo) and *f* (forte). The piece is in 3/4 time and features a key signature of one sharp (F#). The score is presented on a light yellow background.

Trecho onde todos os processos de inversões e representações atuam conjuntamente para a representação do elemento espírito.

➤ Impressões/sentimentos:

A aparição de Rafael Angelo em minha vida ocorreu de uma forma inesperada, repentina e sutil. Em poucas linhas de conversas que tivemos inicialmente, por ter a característica de ser uma pessoa muito agregadora, o mesmo, com o seu jeito e suas nuances, conseguiu me inserir no trabalho da referida performance.

Esta incorporação no trabalho proposto veio por parte pessoal me resgatar referente a uma das atividades que fui mais envolvido em minha vida: processos composicionais e performáticos. E que devido aos trajetos que a vida nos carrega, os caminhos que seguimos, estava distanciando cada vez mais desta atividade.

Conforme desabafei em redes sociais em forma de agradecimento:

*“nos últimos dias tive o prazer indescritível é inenarrável de poder participar pessoalmente do processo de montagem da performance Havana letra ágata blue .(Rafael (amor ),Cleiton (padrinho )em toda cia! amo vocês demais !!!obrigado pela oportunidade em trabalhar conjuntamente com os processos composicionais da montagem !obrigado por ressuscitarem o Vítor músico compositor e coloca-los na ativa novamente ! gratidão é amor (Muito amor! só pra deixar evidente )”*

Durante o processo de criação /montagem, eu ficava muito surpreso e lisonjeado pela confiança depositada em minha pessoa, onde várias ideias e conversas resultaram no texto final. E além desse sentimento, acabou crescendo, após uma profunda e sincera cumplicidade, um sentimento que supera e transpassa todos os outros : o Amor.

Amor este que nos move o que nos dá força para seguirmos em frente que não faz realizar planos futuros e principalmente batalhamos para que os mesmos se concretizem. Rafael acabou incorporando no trabalho de montagem da performance e essa incorporação foi tamanha que de certa forma nossas vidas foram entrelaçadas onde o elo dessa união se chama amor.

**Vitor Francisco dos Santos.**

Belo Horizonte primeiro de setembro de 2019.

### III.IV: Vestimentas e o leque de cores na face.

➤ Impressões/sentimentos:

De uma simples encomenda para uma grande responsabilidade. Ao procurar a Rainha de Copas Atelier a Agatha nos depositou confiança e para mim é uma honra confeccionar um dos figurinos.

➤ Processo de composição das Vestimentas:

Na busca por algo místico, algo remetendo elfo e bruxa, pude idealizar um figurino que pudesse trazer leveza e elegância favorecendo ainda mais essa essência mística, o lilás nos traz natureza e magia, e os detalhes de babado os mistérios e o poder que só ser da natureza possuem.

**Zoelly Cynthia dos Santos.**

João Pessoa vinte e seis de setembro de 2019.

O processo de escolha para essa vestimenta, veio de uma forma graciosa de homenagear minha Tia Maria, que faleceu em março de 2013, justamente no momento em que tinha saído o resultado do vestibular, onde tinha sido aprovado. Para mim foi uma grande perda pela pessoa que tinha uma importância muito presente na minha criação. Era uma mulher muito religiosa e apegada as crenças de rezas, a chás e tinha também um apego a bens materiais como forma de amuletos, que cada um tinha sua importância e significado na sua vida. A escolha do tecido utilizado para a confecção é uma cambraia, tecido esse que é muito usado para fazer vestimentas para o batismo de criança na religião do Catolicismo, e também era um tecido muito usado nos vestidos da minha Tia.

No qual me veio a lembrança dela, de uma frase que me marcou até hoje dela. “Meu filho, está essa peça desse tecido, vou mandar fazer um vestido bem bonito, para quando for no dia de sua formatura do seu curso, eu esteja bem bonita e corada e na minha mão direita um terço pra rezar por você.”



**Figura 46:** Croqui assinado Zoelly Cynthia dos Santos/ Rainha de Copas.



**Figura 47:** Vestimenta no solo.  
Foto de Bruno Vinelli.



**Figura 48:** Vestimenta no ar. Foto de Bruno Vinelli.

A Figurinista Angela Lopes utilizou como referencia sugerida por mim, a ideia de uma capa com capuz, na cor carmim para remeter uma camponesa, onde possa ter um movimento pesado para carregar as histórias nos níveis alto, médio e baixo.

➤ Impressões/sentimentos:

Nossos destinos se cruzaram durante uma viagem para Belém – PA, através da UFPB. Tive a oportunidade de maquiar a Agatha numa de suas primeiras montações e, desde então, temos uma relação muito próxima, de troca de energias, experiências e vivências.

O processo de elaboração e execução das ideias da Agatha tem sido bastante intenso, proveitoso e realmente incrível de sentir. Exploramos não apenas a estética dela, mas também o espiritual, desenvolvendo uma forma de trabalho quase que totalmente intuitiva, vale ressaltar que este pensamento ainda está em processo de investigação e amadurecimento. Tem sido uma experiência única todo esse processo, pois tem me proporcionado novos saberes e novas conexões, tanto físicas quanto espirituais, aprendendo a aproveitar todas as belezas e dissabores que o processo criativo carrega.

**Letícia Cazé.**

João Pessoa vinte de setembro de 2019.

➤ Processo de composição do leque de cores:

As escolhas das cores foram feitas de maneira minuciosa, através de estudos relacionados aos significados das mesmas, de modo que todas cores utilizadas em cena sejam propositais e carinhosamente pensadas e ajustadas não apenas para fins estéticos, mas também, sensoriais e intuitivos.

Significados	
	Paixão, coragem, força, fartura, motivação, fama.
	Paz, intuição, devoção, respeito, espiritualidade, consciência.
	Entusiasmo, exuberância, graça, interação, alegria, fascinação.
	Elegância, proteção, inteligência, sofisticação, força, astúcia.
	Pureza, inocência, fé, luto, benevolência, honestidade, graça.
	Praticidade, paciência, sólido, diligência, confiabilidade.

**Figura 49:** Tabela da palheta de cores utilizadas na maquiagem.

A maquiagem foi pensada para que pudesse ornar não apenas com o figurino, mas com o texto em si. Esteticamente lembrará uma boneca, citado logo no início da performance, mas carregará consigo cores e elementos que farão uma relação com o resto do texto.

## Mandala.

Toda vez que olho para o céu, imagino meu mundo acabar, meu coração se despedaçar, começo a correr sem fim, sem local pra chegar em um mundo tão imenso, qual é o meu lugar? Por lugares que a Agatha Blu Blam, sendo o meu alter ego que passou por idas e vindas, recolheu histórias, depoimentos, reencontrou seus ancestrais, estando ainda na busca pelo seu sagrado na arte de ser uma Drag Queen como objetivo de provocar, tocar nas suas feridas, desamarrar os nós e resolver as histórias sendo externadas no campo da cena do Ator Performer, como um ritual no qual ainda não sabemos a força que move essa performance em volta da Agatha.

Chego a algumas considerações em torno dessa pesquisa, no qual se dá muito que ser falado com vários significados e descobertas durante todo o processo, de compreender quem é essa Drag, para que veio a surgir, considerando ela como o meu sagrado na arte de um Ator Performer e que é que possível compor um desvelar-se de uma dramaturgia performática, através da própria essência do Ator, contribuindo e dando outras possibilidades na performance de uma Drag Queen.

Faço a relação com os ambientes por qual a Agatha percorre, por entre corpos, pessoas, onde o falar desse desvelar-se no invisível que é algo de extrema potência, é visibilizar o invisível. Quando você coloca o invisível como visível, você propõe a quem discursa o ódio no olhar, tudo começa com isso, pra haver empatia, pra haver respeito, pra haver respeito ao seu quintal, pra haver respeito às pessoas, é preciso olhar, se não ver, nada acontece. Essas histórias não morrem, elas são energias que a Agatha Blu Blam transforma em arte, no qual a sociedade vai ter que lidar.

As nossas experiências de vida não nos definem e muito menos nos rotulam. Muitas vezes vivemos colados a esses rótulos que acreditamos definir a nossa identidade, consubstanciados nessas “falsas verdades”, quando a verdade é que a nossa plasticidade, capacidade de readaptação e potencial criativo são enormes e possibilitam estar em constante aprendizagem e transformação.

## Referências de Raiz

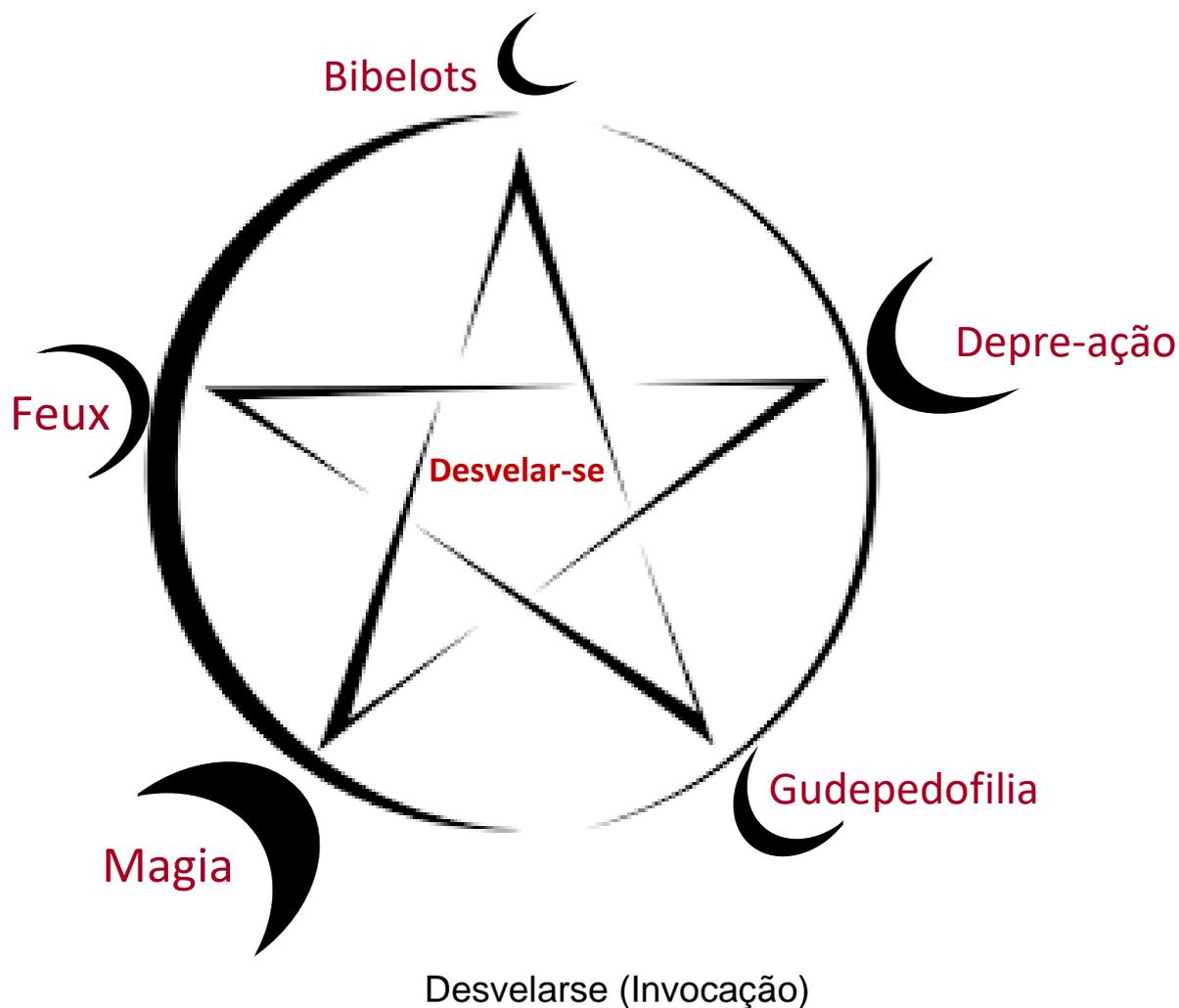
- LOURO, Guacira Lopes. O corpo estranho. Ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- <https://www.youtube.com/watch?v=jLUdJ8wgUNI>

#ContosdeVidaeNorte - Ep. 02: Uyra, a força da natureza 29 de ago de 2019.

- PINO, N. P. A teoria queer e os intersex: experiências invisíveis de corpos desfeitos. In: Cadernos Pagu, v. 28, p. 149-174, jan/jun, 2007.
- PRECIADO, Beatriz Paul. Manifesto Contrasexual — práticas subversivas de identidade sexual. São Paulo: n-1 edições, 2015.
- "Memórias, Sonhos e Reflexões", autobiografia de Jung, Editora Nova Fronteira S.A..
- Marcados pelo Triângulo Rosa – SETTERINGTON Ken. São Paulo; Editora Melhoramentos, 2017.
- COHEN Renato – Performance como Linguagem – 2 ed. – São Paulo: Editora Perspectiva, 2007.
- QUILICI Sydow Cassiano – O Ator-Performer e as Poéticas da Transformação de Si. – São Paulo: Editora Annablume, 2015.
- AQUINO Fernando. MEDEIROS Maria Beatriz – Corpos Informáticos performance, corpo, política. – Brasília: Editora do Programa de Pós-graduação em Arte, UnB, 2011.
- BONFITTO Matteo – O ATOR-COMPOSITOR As Ações Físicas como eixo: de Stanislávski a Barba. – São Paulo: Perspectiva, 2007.
- MISKOLCI Richard – Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças. – 3 ed. rev. E ampl. – Belo Horizonte: Autêntica Editora: UFOP – Universidade Federal de Ouro Preto, 2017.
- ARBEX Daniela – HOLOCAUSTO BRASILEIRO Genocídio: 60 mil mortos no maior hospício do Brasil. – 1 edição – São Paulo: Geração Editorial, 2013.
- LEITE FONTES Janaina – AUTO ESCRITURAS PERFORMATIVAS: Do diário à cena. – 1 ed. – São Paulo: Perspectiva; Fapesp, 2017.
- GRUN Anselm – MÍSTICA: Descobrir o espaço interior. – 3 ed. – Petrópolis, RJ: Editora: Vozes Ltda. 2012.
- MAELICK J – UMA SOCIEDADE SECRETA: SapientiaeMisticae – O Enigma das Figuras Vivas. – São Paulo: Editora: Scortecci, 2005.

## APÊNDICE

### Avant La Lèttre Agatha Blu Blam



Pai nosso que estás nos céus, santificado seja o vosso nome. Venha a nós o vosso Reino. Seja feita a vossa vontade,... Sejam todos bem vindos! Onde o Pai fica na terceira pessoa de futuro imperfeito!

...assim na terra como no céu. O pão nosso de cada dia nos dai hoje, perdoai as nossas ofensas, assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido... Respeitem esse espaço, ele é sagrado! Perdoar ou ódiar aquele que te fez mal?

...E não nos deixeis cair em tentação, mas livrai-nos do mal. Amém! Meu corpo e espírito é sagrado, não viole o templo!

(Oração do Pai Nosso em gramele sem pausas )

## Bibelots (Ar)

“Eu tenho uma bonequinha, que veio de Paris pra mim.

Ela tem um lindo chapéu e também um amor de véu.”(3x)

Olha, tá vendo aquelas bonecas aí? São tão lindas, todas da cor das nuvens, polidas! Nunca pude brincar com as bibelots, só que isso não importa mais hoje, sabe porque? Hoje eu sou uma boneca do meu jeito!

## Gudepedofilia (Terra)

Ele chegava suado, um pedreiro sutilmente colocava sua mão sobre a minha no batente, trazendo consigo várias bolinhas de vidros multicolores, para me encabular. Amo desenhar, sempre me senti feliz, mas nesse momento fui obrigado a desenhar na sagrada terra, as marcas de uma dor inocente, sem saber o porquê daquilo, se era certo, errado, era apenas um jogo dentro de um triângulo das bermudas, que aos poucos baixava para o triângulo das cuecas, do suor, as mesmas mãos que jogavam as bolinhas de gude, eram às mesmas mãos tampando minha boca. Psiu! Fica quietinho, to só brincando, esse joguinho vai ser um segredo nosso só nosso!

Com uma venda nos olhos, legenda as iniciais: Tá doendo, para! E ele: Você está fazendo muito alvoroço, não se mexa se não lhe aperto mais, eu búlico, búlica, bulina, na bilola, biloca, burica, no buraco, na boca, insoco, meto no saco, seco, soco, gritando gol, golada, galada, gozo, gozada, tremendo de um prazer só meu, por fim mais um dia mostrando como se educa uma criança. Amanhã a gente brinca de novo, te ensino novo jogadas. É bom brincar com você, estar com você, fazer de tudo o que eu quiser, é um faz de conta, a gente apronta, seja menino ou menina, o que importa é ganhar o gozo no final do jogo. Ah! Só não esqueça que isso é um segredo nosso tá!

## Feux (Fogo)

O toque

Pegar

Queimar

Pegação

SEXO Uma das nossas maiores definições.

O nosso combustível para existência, para existir, explodir?

Ei, vamos Trepar!? Shiii...fuder!? Shi...vem me comer!? Shi... Eu vou te...

O abraço

O beijo

O silêncio enquanto não consigo parar de soluçar

Quando pequeno o amor parecia

Distante para seres como nós!

Nós somos destinados ao SEXO?

O amor para nós, NÃO!

Para nós só o gozo rápido

Para nós só o receptáculo para a

Porra da hipocrisia

Para nós só o esconde esconde da vergonha

Sobrevivendo das migalhas do poder fálico

Enquanto meus desejos

Eram ilusões destinadas ao limitado prazer do outro

E quando a maturidade despertou a

Confiança de novas possibilidades

O amor já não me parecia tão salgado e amargo

E foi doce a primeira vez que senti ele

Penetrando as minhas expectativas

Então era assim que era viver?

Era isso que chamavam AMOR?!

Derramei todos os meus desejos

Alimentei todos os teus sonhos

Apoiei todas as tuas quedas  
E no poço que você me deixou quase  
Não dava pra te enxergar  
Então era isso que era morrer?  
Era isso que chamavam de DOR?

Você foi e me deixou preso nesse  
Vazio quente corrosivo no meio do peito

Me tirou o sono  
Levou meus bens

Então alimentei esse vazio com outros!  
Eles eram tantos  
Oi, fala de onde?  
E aí, afim de que?  
Ativo com local, mas sem caráter  
Passivo, afim de sentir tudo! Menos o existir!

Perdidos nesse labirinto  
Uma guerra de egos  
E eu pequeno como broto de flor  
Buscando um feixe de luz para  
Florescer o doce que um dia já tive  
O Prazer de sentir

Mas o que eu realmente quero  
Isso se confunde com o que preciso  
O que quero e o que preciso para SER?  
Na solidão dos meus pedaços

Vi meu reflexo iluminando o lado  
Esquerdo da minha face  
Um fecho de luz quente  
A chama dançava e desenhava na minha íris  
Um nome, respostas que preenchiam  
Minhas angústias... O brilho  
Verdadeiro da minha alma  
Cantiga que se repetia

Eu sou!  
Eu posso!  
Eu sou!  
Eu posso!

Eu sou o que sou!  
A brisa suave que alimenta o fogo  
A chama ardente que destrói  
Me queimo  
E posso Queimar

Eu posso!  
Vem comigo?  
Ou me larga  
Temos dois caminhos  
Se consumir  
Ou evoluir  
Purificar  
Ou destruir?  
Mas nunca deixar de sentir!  
Vitor Blam.

## Depre-ação (Água)

Eu vim para que todos tenham vida, que todos tenham vida plenamente. (2x)

E deixe-me sentir seu fogo de amor, aqui no coração Senhor. (2x)

Está chegando mais um “trem de doido” e uma gaiola de transviados.

O frio cortava a pele exposta, fazia os músculos enrijecerem e a boca ressecar até ganhar feridas.

Nos tiraram os brilhos e forçaram a usar uma vestimenta com identificação, com o objetivo de sermos visto com olhares tortos de nojo, feridas expostas, obrigando a ser quem não queremos ser, bestas em gaiolas frias, cinzas.

De repente ouvi um barulho ao acordar, era uma ponta de ferro gelado, perfurando meu cérebro como uma britadeira, um grito mudo, após a transformação me encontro no canto da parede vegetando, sem ter o poder de nem existir. Sou mais uma carcaça de transviado nessa manada, tentando re-existir.

Nossos tanques estavam repletos de peças prontas, com a pele retirada, a musculatura exposta, membros destacados para estudos mais especializados. Quando não serviam mais, eles eram decompostos em ácido, para depois vender as ossadas.

## Magia (Espírito)

Perante a Santa Ceia, me encontro bem servido de temperos exóticos, de um caldo de degosto, com grãos de ironia, com um molho de nojo, como acompanhamento à vossa cabeça recheada de preconceito (pré-conceito). Para finalizar dando uma desequilibrada no prato, um belo frison de seu próprio sangue. Querida!

Pai nosso que estás nos céus, santificado seja o vosso nome. Venha a nós o vosso Reino. Seja feita a vossa vontade,... Nunca tive Pai, não fui criador por ele. Ao me ver passar pela rua, perguntavam: Este é seu filho? Ele respondia: Não! Nunca colocaria um filho desse no mundo!

...assim na terra como no céu. O pão nosso de cada dia nos dai hoje, perdoai as nossas ofensas, assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido... Cheiro de mijo na cara, cara no lixo, cara na privada, da descarga nessa bosta, soco na cara, medo do recreio, medo de estudar.

...E não nos deixeis cair em tentação, mas livrai-nos do mal. Amém!